



**CEM ANOS DE IMPRENSA
NO PARANÁ
(1854 - 1954)**

R 079.8162
P 643

OSVALDO PILOTTO

997

Edição do
INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE

ESTANTE PARANISTA

Ano I ————— Nº 1

CEM ANOS DE IMPRENSA NO PARANÁ

PR
079.8162
P643

1976

ÍNDICE

Estante paranista	
Apresentação	
Preâmbulo	5
Na 5ª Comarca	6
Na Província	7
A primeira Tipografia, o primeiro periódico	7
As primeiras folhas de Paranaguá	11
Antonina e Morretes	12
Em Curitiba. 1876, ano da "Província do Paraná" e da "Gazeta Paranaense"	12
Nos primeiros anos da década dos oitenta	14
A primeira folha a circular diariamente	15
Em português e alemão, o "Echo Paranaense"	15
O ano de "A Republica"	16
Antes do evento republicano. Periódicos alemães:	17
Os últimos órgãos antes da República	18
Os primeiros momentos do regime republicano	19
Desaparece o "Dezenove de Dezembro"	20
O destino da Tipografia Lopes	22
Os primeiros da fase republicana	22
1890, ano da revista "Club Curitibano"	24
Outras folhas de 1890	25
Seqüência de novos periódicos	26
Em 1892, o ano conturbado pela revolução federalista	27
Os primeiros de Ponta Grossa e Guarapuava	28
De 1894 a 1898, ano do "O Sapo"	28
1899, ano do "Diário da Tarde"	31
No período de 1894 a 1899, folhas do Interior do Estado	32
1900 — ano do 4º centenário do descobrimento do Brasil	32
No primeiro decênio do século XX	33
Romário Martins e o catálogo de jornais	35
O catálogo de 1908 a 1954	36
Exposição de periódicos de Ponta Grossa	36
Um capítulo de lutas e de heroísmo na imprensa de Ponta Grossa e a imprensa no segundo decênio	37
No decênio de 1921 a 1930	49
"Ilustração Paranaense" e "Prata de Casa"	51
No Interior	52
O ano da revolução de 1930	56
De 1931 a 1935	57
Órgão de caracter científico e cultural	59
No Interior	61
De 1936 a 1940	61
Dos anos quarenta	63
Três periódicos literários de destaque	67



APRESENTAÇÃO

Há muito o INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE tinha o propósito de, paralelamente à edição de seu Boletim Trimestral cuja tiragem é restrita e destinada aos seus associados e instituições culturais, editar outra publicação cujo objetivo seria não só o de dar maior divulgação aos assuntos paranaenses, mas também, e sobretudo, facilitar aos estudiosos que escrevem, falam e tratam da nossa terra, oportunidades de publicar suas obras.

A ocasião chega com o lançamento do primeiro volume da coleção que receberá o nome de "ESTANTE PARANISTA".

Para isso, o Instituto escolheu, cuidadosamente, o autor e o assunto.

Oswaldo Pilotto, professor normalista e universitário, engenheiro agrônomo e civil, membro da Academia Paranaense de Letras, ex-presidente do Instituto de Engenharia do Paraná e também deste Instituto Histórico, do qual no momento é vice-presidente, é nome por demais conhecido entre os nossos historiadores e literatos.

Quanto ao assunto, recaiu a escolha na História da Imprensa do Paraná, no período que começa com a nossa emancipação política, em 1853, quando surgiu o periódico "Dezenove de Dezembro", até o ano de 1953, quando comemoramos o 1.º Centenário como Província e Estado, do antigo Império e da hoje República Federativa do Brasil. Oswaldo Pilotto faz desfilar ante os nossos olhos os diários ou semanários, aqueles que tiveram vida estável ou vida efêmera, não importa, muitos dos quais nascidos ao calor das pugnas políticas, com dificuldades financeiras e, conseqüentemente, de equipamento apropriado, mas sempre convencidos de exercerem a árdua e difícil missão de informar, educar, esclarecer, criticar, polemizar e até elogiar, funções precípuas da imprensa sadia.

Na certeza de que esta iniciativa do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense será bem recebida pelos leitores, a Diretoria reafirma o seu firme propósito de abrir novos caminhos para divulgar as coisas que dizem respeito ao nosso Estado.

Curitiba, 7 de Setembro de 1976.

Luiz Carlos Pereira Tourinho
Presidente do I.H.G.E.P.

Preâmbulo

A semente da imprensa brasileira.

Em rápidas considerações, como preâmbulo do histórico da imprensa no Paraná, lembremos o surgimento do periodismo no Brasil.

Periodismo brasileiro, mais acertadamente, visto que a primeira folha a serviço do pensamento nacional surgiu em Londres com o nome de "Correio Brasiliense", editado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, o qual fora exilado de Portugal em consequência do espírito combativo e de crítica às coisas do poder público.

Aparecido em junho de 1808, foi publicado até 1822, defendendo sempre os interesses do Brasil em torno da campanha pela liberdade de manifestação a favor da independência da terra para onde se trasladara a família real portuguesa.

Sabe-se que todas as atividades de iniciativa de brasileiros vinham sendo evitadas e abafadas, Também as relativas à imprensa.

É de lembrar a tentativa da instalação de uma tipografia em Pernambuco, no ano de 1706, ao que parece, clandestinamente, para impressão de letras de câmbio e de orações devotas. A ordem régia de 8 de julho do mesmo ano de 1706 proibia a impressão e mandava seqüestrar letras impressas.

Face a nova tentativa, outra ordem régia, de 6 de julho de 1747, determinava idênticas medidas. Houve, então, seqüestro de material. Sabe-se que Isidoro da Fonseca publicara opúsculos.

O "Correio Braziliense" era remetido ao Brasil e andava até pelas mesas dos maiores. Para impedir a publicação, houve interferência junto ao governo da Inglaterra, mas esse estratagema de nada valeu.

Foi, então, providenciada a publicação do "Investigador Português em Londres", com o fim de anular a ação de Hipólito da Costa. Isto em 1811. Redatorjava a publicação, que existiu até 1819, o conde de Funchal.

Situou-se, assim, Hipólito da Costa, na história da imprensa brasileira, merecendo o título de "Patriarca do Jornalismo Brasileiro." E mais, o "Dia da Imprensa", 11 de setembro, marca a data do falecimento de Hipólito, ocorrido em 1823. Ele era brasileiro, nascido na Província Cisplatina. Com a vinda do Príncipe D. João para o Brasil, foi criada, a 13 de maio de 1808, a Imprensa Régia: O material necessário à sua instalação foi trazido por Antônio Araújo Azevedo.

Uma junta diretora editou a "Relação de Despachos", com aquela data de 13 de maio de 1808. A 10 de setembro do mesmo ano foi publicado o 1º número da "Gazeta do Rio de Janeiro", tendo como diretor Frei Tibúrcio José da Rocha.

A 31 de dezembro de 1822 foi este periódico substituído pelo "Diário do Governo."

Na 5ª Comarca

Antes da instalação da Província do Paraná, os atos do governo provincial de S. Paulo eram conhecidos, na 5ª Comarca de Curitiba, pelos periódicos paulistanos. O "Paulista Official", entre esses, era o assinado pela Câmara de Curitiba. Disto nos dá conhecimento a vereança desse órgão, de 11 de junho de 1837, onde consta haver o presidente apresentado aos edis, esse periódico. Foi então designado o vereador Franco para colecionar os números recebidos e fiscalizar se a tipografia os mandava com regularidade.

A 12 de julho do mesmo ano leu-se parecer da comissão sobre a "portaria do mesmo Excellentíssimo Senhor Presidente, em que ordenava à Camara sapstisfaça a Tipografia do Governo a quantia de dous mil oitto centos e oitenta reis da folha official que lhe he remetida de seis meses vencidos."

Ficou resolvido ordenar ao procurador satisfazer a quantia vencida e autorizar o pagamento das que se vencessem.

Circulava mais tarde "O Governista", que, em 1848, estava em seu sétimo ano de publicação, como órgão official do governo provincial de São Paulo. Era editado na "Tipografia do Governo (em Palácio)."

É de considerar a avidez com que se tornavam esperados os números da folha official que haviam de trazer resoluções de interesse da Comarca.

Fixemos o fato de o número de 4 de novembro publicar a ata da Assembléia Legislativa realizada a 5 de agosto desse ano de 1848, dando contas de que "A comissão de Fazenda, examinando com toda reflexão as representações dos habitantes da cidade Coritiba, Villas do Príncipe e Castro e da Comarca Municipal da Antonina, em que pedem a criação nesta de um Consulado ou Alfândega que facilite as transações commerciaes com os portos nacionaes e estrangeiros acerca dos produtos da Comarca e tendo collidos todas as informações que estavam ao seu alcance, he de parecer que se faça sentir aos Supremos poderes huma tão palpitante necessidade, attento não estar no círculo das atribuições d'Assemblea Provincial a dar prompto remédio a ella."

Atente-se, também, para o que se registra na ata de 26 de agosto, publicada no número de 15 de dezembro de 1848, relativamente à despesa "com a abertura do Canal do Varadouro de Paranaguá, pelo local que for julgado mais conveniente segundo as explorações a que o Governo mandar proceder, 4:000\$ rs."

Tais notícias haviam de agradar à gente destas bandas da província de S. Paulo, onde se pensava em governo provincial próprio.

Na Província.

A imprensa no Paraná teve a sua instalação em decorrência da criação da Província.

Ao inaugurar o governo provincial, a 19 de dezembro de 1853, Zacarias de Góis de Vasconcelos, pela sua capacidade de estadista experimentado, incluiu entre as suas primeiras providências a criação de uma impressora, a fim de atender às necessidades da administração, relativamente à publicação dos atos oficiais.

Curitiba era, a esse tempo, pouco mais que uma aldeia. Os seus habitantes tomavam conhecimento das determinações de órgãos oficiais, pelos editais afixados às portas da Câmara e da Igreja, ou por apregoações.

Transformada em capital da nova Província, havia necessidade, conforme planejara o Presidente, da publicação que tivesse a precípua finalidade de dar conhecimento às comunidades do vasto território provincial, sobre a marcha administrativa.

Zacarias tinha em mãos um levantamento, que mandara realizar, das condições da região abrangida pela então 5ª Comarca de São Paulo

Conhecia, pois, a extensão da Província sob sua administração, bem como as condições de vida das unidades políticas aí distribuídas, cujas Câmaras teriam, pela folha a editar, o conhecimento dos trâmites de seus negócios administrativos.

A Primeira Tipografia. O Primeiro periódico.

Ao deslocar-se para a nova Província, Góis de Vasconcelos convidara Cândido Martins Lopes para montar aqui a sua oficina tipográfica, até então instalada em Niterói.

Foi, certamente, uma aventura, transportar via marítima, até Antonina, o material e, depois, trazê-lo em lombo de burro, pela estrada do Itupava, a Curitiba.

Descendentes de Cândido Lopes, em investigações, encontraram o local em que estivera, na capital fluminense, a sua oficina de tipografia. A tinta desgastada da parede deixava ainda à vista o nome da "Typographia Lopes", num prédio situado na praça fronteira à Estação das Barcas.

Em Curitiba instalou-se com o nome de "Typographia Parananense", de C.M. Lopes, à rua das Flores, nº 13. A 19 de abril de 1854 saía à luz o primeiro número de "O Dezenove de Dezembro."

Em seu artigo de apresentação, depois de considerações sobre o lado bom e o mau da imprensa, informa que "O Dezenove de Dezembro" não hesita, pois, um

momento, na vereda que deve trilhar: o patriotismo tanto como o seu próprio interesse, traça-lhe em alto brado, o programma, que, em sua carreira, longa, ou breve, próspera, ou não afortunada, cumpre-lhe desempenhar. Este programma é: informar o público, do procedimento do governo da província, e das diversas autoridades della, mediante a publicação de seus actos officiais, apontar e discutir com a devida circunspecção as medidas que mais consentaneas forem ao engrandecimento da província, acceitando nesse sentido, para dar à luz da imprensa, escriptos e informações de quem quer que esteja no caso de lh'os ministrar, abstando-se completamente de questões políticas."

Nesse tom, prossegue a apresentação, digna de se constituir em página histórica, a primeira do inicial órgão da imprensa paranaense, plena de altos conceitos sobre o rumo da serenidade para bem orientar o público a que era destinado, pois queria "trazer uma pedra, senão angular, mui ajustada, ao menos, ao edificio magnífico da criação dessa provincia." Pois seria "um erro imperdoável excitar com questões de partido, os artigos de politica, esses ódios inveterados, que convem a todo custo atenuar e mesmo desvanecer. A Tipografia era o que podia ser a esse tempo. Descrevem-na cronistas como sendo constiuida de "uma pequena mesa de ferro com prancha para a composição manual, sobre a qual deslislava o rolo de impressões, além de caixa de tipos e de mais acessórios."

Lembremos aqui, como homenagem histórica, o nome do tipógrafo que trabalhou com Cândido Lopes. Foi ele João Luiz Pereira, que prestou serviços ao "Dezenove" durante trinta e quatro anos, desde a fundação do periódico até à morte desse profissional, ocorrida a 14 de fevereiro de 1888.

Iniciou, "O Dezenove de Dezembro", a sua publicação, aos sábados, marcando uma primeira fase da imprensa paranaense em sentido de serenidade.

Sentia-se posto em meio um tanto hostil, onde até sangue se vertera, por conta de ideias políticas, antes do advento da nova província. Fez prova da sua prometida conduta, quando, em 1861, era presidente da Província, José Francisco Cardoso. Este, indisposto com os políticos de ambas as facções militantes, desejou, para justificar os seus atos, duas colunas da folha circulante. Cândido Lopes legou-lhe a pretensão. Daí resultou o corte da subvenção de sessenta mil réis mensais, que recebia o "Dezenove de Dezembro" para a publicação dos atos do governo.

Instalou, então, o Presidente, uma officina tipográfica, nomeando para seu administrador o capitão Joaquim Lourenço de Sá Ribas. Foi sediada à rua da Entrada, nº 1 e o "Correio Official" nela impresso teve o seu 1º número a 19 de fevereiro de 1862.

Dizia ele em seu relatório, que o periódico contava "com cerca de 300 assignantes, numero que deve augmentar infallivelmente."

Suportou Cândido Lopes o revés por todo um longo ano, para não quebrar a sua linha de conduta.

"O Dezenove de Dezembro", desde o seu 1º número do ano II, de 4 de abril

de 1855, teve suprimido o artigo do seu nome, passando a sair com a designação de “Dezenove de Dezembro” e a sua roupagem tipográfica em vinhetas melhoradas e de composição tipográfica um tanto mais sofisticada. Entretanto, manteve ainda por tempos, ao alto das páginas internas e nos sobre-títulos de editoriais a designação de “O Dezenove de Dezembro.”

É de notar, também, que a data referida corresponde a uma quarta feira, dia da semana em que vinha saindo desde o seu nº 43, de 17 de janeiro, para beneficiar, conforme nota explicativa de 13 desse mês, os assinantes do interior, os quais recebiam com atraso o periódico, pois este “saía do prelo no dia seguinte à saída do correio”.

Até 1857, ano da instalação do relógio de sol na “Farmácia Allemã” (hoje Stelfeld) era o “Dezenove de Dezembro” o único periódico em circulação. A 20 de setembro desse ano, surgiu o “Jasmim”, literário e recreativo, de pequeno formato, e em 1860 veio à luz o “Mascarado”, órgão crítico impresso em tiras de cores diferentes, coladas uma à outra, em número de três. “Grande novidade, — é referência de sua apresentação, — irá sem dúvida causar a entrada de um neophyto, trajando remendadas vestes, na grande praça do jornalismo, logar outr’ora reservado somente ao talento reconhecido.” 30 de novembro de 1861 é a sua data.

“O Clarim” e o “Constitucional” são desse ano.

Ponto marcante na imprensa curitibana foi, em 1867, o aparecimento da “Imprensa Livre”, pois os seus orientadores deram sentido novo ao periodismo de nossa terra. Eram eles Sérgio Francisco de Souza Castro e João José Pedrosa, que propunham em seu programa: “A Imprensa, a nosso ver, mente a sua missão, todas as vezes que se limita ao ridículo papel de instrumento eleitoral. A Imprensa, para nós, tem um fim mais nobre a preencher: Acorçoar os melhoramentos do paiz. Promover a realização prática das medidas e instruções que a necessidade exija. Louvar os esforços do poder que encaminha a situação para a justiça e o progresso, estigmatizando-o sem o menor receio, quando apartado desse caminho, para seguir cegamente os impulsos de paixões partidárias, eis o que lhe incumbe.”

Definiam assim a imprensa, essas duas figuras que se haviam de salientar na política e nas lides jornalísticas da Província. Desempenharam funções públicas e foram parlamentares. Na defesa de idéias políticas consagraram-se como tribunos ilustres.

João José Pedrosa mereceu o título de príncipe dos jornalistas políticos. Foi presidente da Província, pois ambos se viram convidados para funções na alta administração do Império.

Sérgio de Castro preferiu a lida política regional e por isto deixou de ser presidente do Piauí e do Maranhão, declinando dos convites recebidos. João José Pedrosa aceitou a presidência do Pará, em cuja capital faleceu, em 1881, tendo sido o seu corpo trasladado para Curitiba.

Seguiram-se à "Imprensa Livre", "A Phenix" (1866) e em 1871, "O Paraná" e "A Reforma."

Este ano de 1871 foi de luto para a imprensa paranaense. Faleceu a 17 de dezembro, vítima de mal súbito, que o fez cair em pleno largo da Matriz (hoje Praça Tiradentes), Cândido Martins Lopes. Em reportagem retrospectiva, "O Dia" de 4 de abril de 1954 transcreve o registro constante do livro nº 8 da Igreja Matriz: "Cândido Martins Lopes, falecido repentinamente de uma congestão cerebral, natural do Rio de Janeiro, 68 anos de idade, casado com d. Gertrudes da Silva Lopes. Teve missa de corpo presente, foi acompanhado e solenemente encomendado e jaz sepultado no cemitério publico." Informa, ainda, que o 2º Cartório de Órfão de Curitiba guarda em seu arquivo o inventário de Cândido Lopes, documento que o exemplar já citado de "O Dia" dá a conhecer⁽¹⁾.

Por esse inventário sabe-se que seu filho Jesuíno tinha a esse tempo 17 anos. Ele seria mais tarde, o editor da folha fundada por seu pai.

Dª Gertrudes continuou com a pequena empresa, auxiliada pelo já referido tipógrafo João Luiz Pereira, o qual tomou as funções de editor, até que Jesuíno Lopes se considerou em condições de as assumir, e levar até ao fim a publicação do periódico.

Há a versão de que Cândido Lopes haja falecido na confeitaria do português Bentim. Pode haver sido recolhido para esse local ao cair, entretanto teve assistência na "Farmácia Alemã" (Stellfeld), onde realmente expirou.

Mereceu Cândido Martins Lopes a homenagem da comunidade ~~curitibana~~, como o seu nome em uma das vias públicas da nossa Capital. No meio cultural, destaca-se a sua indicação para patrono da Cadeira nº 2 da Academia Paranaense de Letras, de que foi fundador Sebastião Paraná e 1º ocupante Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, duas figuras de grande expressão nos meios intellectuais paranaenses. Tenho a honra de ser o 2º ocupante dessa Cadeira.

Dois anos após a morte do Cândido Lopes, portanto em 1873, surge "Iris Paranaense", que em seu artigo de apresentação assim se manifestou: "Quando a vez da Imprensa se acha quase emmudecida na província de cujos prelos sahem actualmente tres jornaes apenas, inclusive a folha official; quando o indifferentismo pela causa pública, parecendo attestar a ausência de vitalidade, senão falta de patriotismo entre nós, ameaça comprimir o desenvolvimento nascente desta filha do Cruzeiro, é um dever sagrado a todo o paranaense despertar do sonno da negligencia para oppor forte reacção contra esse marasmo em que vamos cahindo." Apresentava-se como "Folha Litteraria, agrícola, commercial e noticiosa."

A fim de acompanhar a evolução da imprensa em Curitiba, seja visto que órgãos surgiram, até à década dos setenta, em outras localidades.

As primeiras folhas de Paranaguá.

É de 1860 o primeiro periódico de Paranaguá, "Paraná."

A cidade marinha, afastada do planalto pela Serra do Mar, recebia com atraso "O Dezenove de Dezembro."

Tinha foros de cidade desde 1842, pela lei provincial paulista que dera esse grau também a Curitiba.

Como vila, era quarenta e cinco anos mais antiga que a do planalto.

A sua origem, na Cotinga, data do século XVI, quando aí aportaram as canoas bandeirantes de Cananéia.

Bento Viana marcara, em 1821, o primeiro grito político pedindo governo próprio para a Comarca.

Havia, aí, gente de elite, preparada pelas aulas onde a cadeira de latim dava foros de cultura.

Neste panorama surgiu o "Paraná".

Pode-se imaginar as dificuldades vividas para a edição de uma primeira folha nessas paragens. Sem notícia certa a respeito dos seus editores, merece homenagem o espírito de iniciativa que havia de animar Leocádio Pereira da Costa, o qual, auxiliado por José Ferreira Pinheiro, fazia sair a 19 de janeiro de 1862, "Comercio do Paraná." Do Paraná, sim, com a acentuação de um til no a final. Isto embora a indicação da Tipografia estivesse com acento agudo em Paraná. Aliás, a pronúncia anasalada de Paraná era freqüente a essa época. A quadra contida no número de 22 de fevereiro de 1873, desse periódico (exemplar da coleção Aluízio de Abreu) dá idéia disso:

"Depois que se foi embora

O nosso bom jacanã,

Ninguém mais chama esta Terra

Provincia do Paraná."

Considerando Leocádio Pereira da Costa precursor da imprensa em Paranaguá, lembremos que ele nasceu a 7 de dezembro de 1832. Seus pais, Major Francisco Antônio Pereira e D^a Joaquina da Costa Pereira. Órfão aos 12 anos, foi orientado por seu tio, Coronel Antônio Pereira da Costa.

A seu respeito publica a "Cruzada", em fevereiro de 1920:

"Abandonando a vida mercantil, fundou em 1862 o primeiro jornal que se publicou em Paranaguá, cuja collecção encadernada se encontra nos arquivos da Comarca Municipal, que recentemente deu seu nome a uma das principais praças

nostras.”

“Desde o 1º número do “Commercio do Paraná, — observa Ermelino de Leão, em seu Dicionário Histórico, — Leocádio Pereira revelou-se um jornalista de pulso e um literato primoroso, que a todos encantava pela sabedoria dos seus conceitos, abordando as questões políticas e econômicas; e pela belleza dos seu estylo na prosa e na poesia.”.

José Ferreira Pinheiro, cunhado de Leocádio e que o substituiu na direção do periódico, fora auxiliar de gabinete de Zacarias Gois de Vasconcelos, e também diretor da Secretaria do Congresso do Paraná tendo mais tarde exercido a direção e redação da “Província do Paraná”. Nasceu em Paranaguá, em 1820, e morreu em Curitiba a 16 de setembro de 1899.

Até 1875, contou Paranaguá ainda com o aparecimento dos seguintes periódicos: “O Povo”, 1864. “A Phenix”, 1867. “O Paraná” e “O Barbeiro”, 1869; “Operário da Liberdade”, 1870. “Echo Literario”, “Echo da Liberdade” e “Opinião da Liberdade”, 1874; “Gazeta do Paraná”, 1875; “Echo do Paraná”, 1879.

“Phenix” tinha como diretor e redator Manoel Euphrasio Correia, político do Partido Conservador e que foi deputado pelo Paraná, em 1871. Formara-se em direito pela Faculdade do Recife. Isto o animou a aceitar a presidência de Pernambuco, onde faleceu em 1888.

Do Partido Liberal era o diretor de “O Paraná”, Manoel Alves de Araújo, bacharel em direito, que na sua grei política foi combativo, criando por esse motivo, polémicas com Manoel Euphrasio Correia. Chegou a deputado e, em 1882, foi ministro da Agricultura.

Antonina e Morretes.

Somente mais estas duas localidades tiveram órgãos de imprensa antes de 1880. Antonina com “O Antonina” em 1873 e “A Locomotiva” em 1874, e Morretes viu sair “O Povo” em 1879.

Em Curitiba, 1876, ano da “Província do Paraná” e da “Gazeta Paranaense”.

A “província do Paraná” apareceu, a 1º de janeiro de 1876, como „órgão democrático, dedicado aos interesses da província”. Redatoriado pelo seu proprietário José Francisco Pinheiro, teve o destino de vida longa. Chegou aos dias republicanos, quando o seu nome foi mudado para “Estado do Paraná”.

Seu escritório e tipografia eram instalados no Largo da Matriz, nº 6. “Perseverança”, o nome da tipografia.

Em seu número 95, de 31 de dezembro de 1877, anunciava: “Com este numero completa a “Província do Paraná” o seu segundo anno de existencia”.

Depois de agradecer o apoio que vinha recebendo, continua: “Em virtude de

acordo tomado em reunião política do Partido Liberal da Capital, a "Província" não interrompe a sua marcha, e, sem fazer modificações no seu programa, continua a ser organ do partido liberal do Paraná, e ao mesmo tempo dos grandes interesses publicos que prettendeu advogar."

Sob o título "As proximas eleições", Vicente Machado, nesse mesmo numero publica um artigo datado de Antonina. Depois de referir que no dia 17 de janeiro elegeria, a província do Paraná, um seu deputado à representação nacional, escreve: "É preciso que o eleitorado de uma provincia como a do Paraná, acima das gramalheiras do despotismo estúpido, expresse sua vontade soberana, não servindo de instrumento a caricatos despotas, que com criminoso procedimento arrastam o povo à peior das misérias — á miseria de sua dignidade".

É ainda desse número a noticia com destaque, tarjada de luto, embora lacônica, do falecimento do primeiro presidente da Província:

"O anjo da morte continua a crescer com suas negras azas, a familia liberal. "O telegrapho, segundo corre, deu hontem a triste noticia do inesperado passamento do snr. Conselheiro Zacharias" Refere-se a seguir, à morte de outros liberais, pois que, eram reabertas "as chagas ainda não cicatrisadas pelas recentes desgraças de que tem sido victima o partido liberal".

A 6 de junho de 1889, a "Província do Paraná" aparece com a indicação de 2ª epoca, a.XI,nº1. Estivera, pois, fora de circulação por algum tempo. Com o advento da República, mudou o nome para "Estado do Paraná".

"Gazeta Paranaense" foi outro periódico saído em 1876 e que circulou até ao seu 13º ano, quando, a 13 de julho de 1889, foi substituído por "A Tribuna". Apresentara-se como órgão do Partido Conservador e foi dirigido por Benedito Carrão. Saía duas vezes por semana.

A título de curiosidade, é de observar haver o órgão que o substituiu, usado em seu primeiro número, o da sequência do antecessor, isto é, a.XIII,nº143..

É de evidenciar que, "Província do Paraná", liberal; Gazeta Paranaense", conservador; e "Dezenove de Dezembro", independente com tendências democráticas liberais, viveram as fases políticas dos últimos anos do Império, em que tomaram parte outros órgãos de imprensa, também os republicanos, tais como "A República", em Curitiba, e "Livre Paraná" e "Pátria Livre", em Paranaguá, os quais serão referidos oportunamente, neste trabalho.

Merecem citação entre as folhas com espirito de política, as redatoriadas e orientadas por Justiniano de Mello e Silva, tais sejam: "O Paranaense", "25 de Março" (1876); "Jornal do Commercio" (1883) e "Sete de Março" (1888). Surgidos em momentos de agitação política, tiveram vida efêmera.

Justiniano de Melo, sergipano, formado pela Faculdade de Direito do Recife, foi político, professor e jornalista. Era considerado sábio, em consideração aos seus vastos conhecimentos filosóficos, sociais e de história. Foi professor e homem de

imprensa em sua terra natal. Militou no jornalismo, quando residente no Rio Grande do Sul. Teve situação de destaque como educador na vida paranaense. No governo de Lamenha Lins foi Secretário de Estado.

No dizer de Ermelino de Leão, “desprende-se do mundo material para mergulhar nos estudos filosóficos, elaborando longos e exaustivos ensaios.” “Nova luz sobre o passado”, publicado sob o pseudônimo de A. Sergipe, é a sua obra de grande erudição, “em que, — é ainda de Ermelino a observação, — pretendia ter descoberto um novo processo de história, que iria subverter as sciencias historicas e sociais”.

Antes de 1880, são de lembrar, em 1878, o “Diabo Azul”, o “Gaucho”, a “Infancia” e “O Reverbero”, surgidos em Curitiba e em 1879, em Paranaguá “Echo do Paraná”.

Nos primeiros anos da década dos oitenta.

Em 1880, somente em Paranaguá se registra o aparecimento de folhas, que são: “Echo da Marinha” e “Cor de Rosa”.

Abre o ano de 1881 (15 de janeiro) a edição de “Revista Paranaense”, marcando ponto alto no periodismo literário.

Firma o seu programa, observando em artigo de apresentação que “a imprensa paranaense resentia-se da falta de um periódico destinado as lettras, sciencias e artes”. Conservava nos números que apareceram, numeração seguida de suas páginas, podendo assim se destinar à encadernação, para compor tomos de antologia com escolhida seqüência de colaboração.

No seu tomo I são encontrados trabalhos de Monteiro Tourinho, Macedo Soares, Rocha Pombo, Gabriel Pereira, Antônio Camargo e mais um autor cujo nome não aparece, visto que o artigo, — “O crime e a pena”, não se completou no volume.

Procurava justificar a doutrina do seu programa, dispondo-se a cumprir “um traço característico dos povos modernos que com as armas da palavra e da penna todos se podem armar soldados para a revolução pacifica e civilisadora da sociedade”. “Eis o que justifica e legitima o apparecimento desta revista no concerto já tão brilhante da imprensa brasileira”, — conclui a apresentação.

É desse ano de 1881 o primeiro periódico em língua alemã no Paraná: “Der Pionier”. Embora saído para atender à colônia germânica de nosso Estado, não deixou de parte o assunto político tratado em português por colaboradores brasileiros. Entrou, assim, nas campanhas de propaganda abolicionista e republicana.

Foram muitos os periódicos sugidos em 1882 e 1883, neste ano nada menos de dez em Curitiba. Entre tais, “Passaro Azul”, “O Imparcial”, “Jornal do Commercio”. De Paranaguá são: “O Pharol”, “Itiberê”, “Comercial”, “Livre Paraná”, entre outros. “Livre Paraná” era redatoriado por Fernando Simas e

Guilherme Leite e se apresentava para “combater o privilégio, desde o predomínio das pequenas dinastias até o monopólio do poder hereditário, permanente, inviolável e sagrado.” Anunciava-se como “Echo Republicano”.

Fernando Machado Simas, nascido em Paranaguá a 24 de abril de 1851, era combativo, havendo lutado pela abolição da escravatura e pelo regime republicano.

“Na rude campanha que manteve com o partido conservador, — observa Ermelino de Leão, — tendo como adversários vultos de valor como o Visconde de Nacar, os Drs. Manuel Euphrasio e Leocádio José Correia, se houve com tal denodo e impetuosidade que não faltaram pretextos para processos judiciais”.

Foi deputado federal ao Congresso Constituinte, quando proclamada a República. No governo Campos Salles foi nomeado auxiliar de naturalista do Jardim Botânico, aproveitando-se, assim, os conhecimentos científicos obtidos em seus estudos no curso de Farmácia em que se titulou. Faleceu no Rio de Janeiro a 17 de setembro de 1916.

A primeira folha a circular diariamente.

A 1.º de janeiro de 1884, passou o “Dezenove de Dezembro” a circular diariamente.

É quando anuncia:

“O Dezenove de Dezembro” entra em nova fase: até hoje tem sido folha periódica, será de hoje em diante folha diária.

“Desde que instalou-se a província do Paraná, a 19 de Dezembro de 1853, tem sido esta folha mantida em sua existência apesar dos mil tropeços e mil dificuldades, que a cada passo surgiram para embarçal-a, e só aos esforços e perseverança do seu fundador e sucessor devemos o não ser interrompida a sua publicação. O “Dezenove de Dezembro” foi a primeira folha periódica que se publicou na província, justo seria que fosse ela a primeira que iniciasse a sua publicação diária”.

Em português e alemão, o “Echo Paranaense”.

De 1885 são: “A Jangada”, “Gazeta de Curityba”, “Tiradentes”, “Folha do Paraná”, “O Movimento”, e “Echo Paranaense”, este de 20 de outubro.

Considerando a grafia de “Gazeta de Curityba”, é de ver que havia confusão na designação do nome de nossa capital: Curityba, Coritiba e até Curytiba eram grafias usadas. Até hoje se mantem uma dessas formas, no Clube Coritiba. Somente depois de ficar estabelecida a terminação tiba nas normas toponímicas foi que se oficializou a grafia Curitiba, acabando-se de vez com a confusão.

O “Echo Paranaense” era órgão neutro e independente, proclamando-se sem compromissos com os partidos militantes. Tem destaque na história da imprensa,

por ser redigido em português e em alemão, propondo-se a cuidar do problema da imigração. Era do seu programa interessar-se “pela grande naturalização e ao que a devem completar — o casamento civil, a secularização dos cemitérios, a extinção completa da escravidão.

O ano de “A República”.

Surgiu a 15 de março de 1886 “A República”, como órgão do Club Republicano, com destino de propagar o ideal antimonarquista.

Teve este periódico 44 anos de existência, pois o seu último número é de 1930, Estava pronto o número de 5 de outubro desse ano marcado pelo estouro da revolução no Paraná, mas não foi para a rua porque, como órgão do Partido Republicano Paranaense, nessa madrugada da deposição do governo estadual, nada mais lhe restava a defender.

Tive em mãos um exemplar dessa edição em cuja primeira página, na coluna à direita, havia um editorial sob o título “Boateiros”, condenando os que propalavam notícias sobre possíveis hostilidades no sul.

Desse periodico perdeu-se uma coleção que foi vendida como papel velho, para uso de embulho no comércio varejista, inclusive em açougues que a esse tempo não sofriam fiscalização quanto ao uso de jornais para embrulho da carne.

Restam na Biblioteca Pública do Paraná volumes encadernados de alguns periodos dessa folha.

“A República” teve como fundador Eduardo Gonçalves, engenheiro civil que contava com a colaboração de seu cunhado Álvaro Teixeira Ramos, e da gente de escol que compunha o Club Republicano, a que pertenciam, entre outros, Emiliano Pernetta, Rocha Pombo, Nestor Victor.

Eduardo Mendes Gonçalves foi Diretor de Obras Públicas e, pela sua destacada atuação como republicano, foi eleito Deputado Federal ao Congresso Constituinte.

Pertence à coleção “O. P.” o nº 3 de “A República”, dedicado a Tiradentes, trazendo a data de 21 de abril de 1886. Tem sua primeira página contornada de delicada vinheta. Nela se estampam três artigos: um, editorial da Redação e os outros dois firmados respectivamente, por Nestor Victor e Sebastião Paraná, todos dedicados ao protomártir da nossa independência.

Passaram pela direção do órgão defensor dos princípios do Partido Republicano Paranaense, em sua longa existência, Leôncio Correia, Vicente Machado, Nestor Victor, Emiliano Pernetta, Domingos Nascimento, João Pernetta, Romário Martins e Caio Machado.

Leôncio Correia apanhou a fase difícil da revolução federalista. O seu nome figurou como redator até 25 de maio de 1894.

O último período da publicação de “A República” sob a responsabilidade de Romário Martins (que a havia dirigido antes) e Caio Machado. Seus nomes

passaram a figurar como redatores no número 109, do 45º ano. Era quarta-feira, 21 de maio de 1930, entretanto, a data assinalada na primeira página foi a de 20 desse mês. Cochilo inaugural...

Coube, é de se supor, a um desses dois brilhantes jornalistas, o contundente editorial "Boateiros", do exemplar de 5 de outubro.

Na madrugada desse dia, sob a chefia de Plínio Tourinho, teve desfecho a revolução de 30, no Paraná.

Romário Martins, além desta ação redatorial com Caio Machado, foi diretor em outras fases da folha, a qual, nascida no Império, tornou-se órgão do Partido Republicano Paranaense, detentor do poder político no Paraná até 1930.

Na década dos 20, conheci Romário lutando ao lado de João Sampaio diretor da empresa editora, com quem repartia a angústia financeira, pois, de modo geral, o governo mal pagava as publicações oficiais nos termos dos contratos. Romário, sabe-se, escrevia bem, defendendo as coisas e a gente do Paraná e mantendo polêmicas com os opositores do poder constituído. Mereceu, pelo seu paranismo leal e de convicção o título de príncipe dos jornalistas paranaenses.

Antes do evento republicano. Periódicos alemães.

Com a publicação de páginas em alemão no "Echo Paranaense" houve um estímulo para a edição de folhas nesse idioma. Assim, embora efêmeros, apareceram "Der Trauenliebbling", "Deutsche Echo" e "Der Erzähler", em 1886, "Deutsche Volkszeitung", em 1887.

Mais expressivo foi "Der Beobachter", que surgiu a 1º de janeiro de 1889, sob a orientação de Anton Schneider, o mesmo que, em 1881, editara "Der Pionier", e depois, em 1881, foi redator do "Deutsches Wochenblatt" e em 1887 dirigiu "Deutsche Volkszeitung".

Com a proclamação da República, "Der Beobachter" fez política no sentido da propaganda em favor de elementos da colônia alemã (descendentes de alemães a que chamavam teuto-brasileiros) como candidatos à deputação para a Assembléia Constituinte.

Com a revolução federalista, foi interrompida a sua publicação, voltando a circular em 1895, para suspender novamente a tiragem em 1917, quando o Brasil entrou em guerra contra a Alemanha.

Voltou a circular, em segunda fase, a 1º de setembro de 1931, então sob a direção de Ervino M. Mueller. No cabeçalho figura o nome de Anton Schneider como seu fundador. Na seqüência numérica, é indicado nº 1, 30º ano.

Os últimos órgãos antes da República.

Entre os muitos periódicos surgidos antes da proclamação da República, destacamos em Curitiba, "A Luta", "A Opinião", "Revista do Paraná", "Sete de Março", "A Arte", "O Movimento", "O Diabinho", "Galeria Ilustrada", "Dynamite", "Guiacurú", "A Tribuna". Em Paranaguá, de 1888, são "A Aurora", "Treze de Maio" e, de 1889, "O Vigilante", "A Razão", "O Bilontra", "Pátria Livre", "Trombeta", "A Ordem", e "A Escova".

Antonina contou com "Gazeta Antoninense" (1884) e "O Labor" (1º de maio de 1887). "O Nhundiaquara" e "O Pandego" saíram à luz em Morretes, em 1889. São de Castro, "Echo dos Campos" (1882), "Correio dos Campos" e "Yapô", ambos com data de 1887.

Na Lapa, figurava como periódico "Despertador Lapeano", em 1880, e, em 1887, saiu "A Lapa". Campo Largo teve no Império, "O Escolar" (1885) e "O Guahira" (2887). "O Mequetrefe", de 1880, surgiu em São José dos Pinhais.

Agora, sejam feitas referências a alguns dessa relação.

A "Luta" de 26 de maio de 1886 foi capitaneada por Silveira Netto, Manoel Pernetta e Brasília Costa. Na apresentação está: "Hoje rebentou-se o vulcão d'ideias, e eis que aparece um pigmeu, "A Luta", mas para que este pigmeu se torne gigante é preciso o auxílio de vós, ó povo, é preciso que coloquês o vosso braço de ferro ao lado dele, para que, deste modo, ele não tombe".

"A Opinião" foi órgão de estudantes e se dizia "um novo archote que guiará a mocidade no trabalho operoso do pensamento; é um novo braço que ora sustentará a espada da justiça, ora o açoite da crítica. É de 3 de agosto de 1887.

"A Revista do Paraná", de 15 de outubro de 1887, era dirigida pelo Prof. Nivaldo Braga. Cumpriu, durante sua publicação, que prometera relativamente a tornar conhecidos do Paraná "por meio de gravuras lithograficas os seus homens notáveis, as suas povoações principais, os seus estabelecimentos públicos e industriais mais notáveis, as suas paisagens, bem como os phenomenos da Natureza dignos de especial menção".

Nivaldo Teixeira Braga era lapeano, professor público. Fundou o "Collegio Curitiba", onde, na era do império dos castigos, soube conduzir os seus alunos pelo estímulo das competições, estabelecendo grupos que na dedicação aos estudos lutavam pelo lugar de destaque na classe.

Por isso é que Ermelino de Leão ("Dic. Hist. e Geogr.") observa: "Tinha processos pedagógicos individuais e alguns delles muito proveitosos. Não se singia às velhas normas de pedagogia: procurava despertar a curiosidade dos alumnos, devassando novos horizontes".

Escreve ainda Ermelino: "Fundou a "Revista do Paraná", primeiro jornal illustrado publicado na Província, nas officinas de Lytographia Filgueras (Impressora

Paranense) e ahi deixou escriptas as biographias dos principais vultos da Província, com interessantes artigos históricos e originaes cargas." Eram de Filgueras as ilustrações litografadas. No nº 5 da Revista (col. "O. P.") figura na primeira página bom retrato nessa técnica, demonstrando grande capacidade do artista. Também litografias do mesmo autor, na quarta página, retratando o Pe. Júlio Ribeiro de Campos, e, na quinta, uma vista de São José da Boa Vista.

De destaque, em 1888, apresenta-se "Sete de Março", de Justiniano de Mello, já referido ao ser lembrada a atividade deste ilustre jornalista. Ainda do mesmo ano, "A Arte", órgão muito bem elaborado da Escola de Desenho e Pintura de Antonio Mariano de Lima. Indica este periódico, surgido a 4 de março, como colaboradores, João Pereira Lagos, Justiniano de Mello, Emilião Pernetta, Pâmphilo de Assumpção, — estes dois últimos, a esse tempo, acadêmicos de direito. E mais: José Corrêa, Leôncio Correia, Lúcio Pereira, Nestor Victor e Rocha Pombo. Prometia divulgações ampla, para a América e a Europa, "a todos os jornais conhecidos, assim como a todos os estabelecimentos artísticos e industriais, museus, etc."

"A Galeria Illustrada" é outro órgão de 1888, com ilustrações assinadas por Stek. Não seria demais citar "O Movimento", dirigido por Urbano Carrão, que anunciava a sua publicidade "ante a necessidade que a já bastante desenvolvida litteratura da província, tem de um órgão que se consagre exclusivamente à sua causa".

Também literário, "O Diabinho", de agosto do mesmo ano e que prometia "trazer à mocidade estudiosa de Curytiba alguns momentos de util e agradável distração".

"Dynamite" e Guaicuru" eram carnavalescos.

A Tribuna", já foi dito, substituiu a "Gazeta Paranaense", a 13 de julho de 1889.

Entre os periódicos do interior, relacionados, tem destaque "Patria Livre", de Albino Silva, que se manifestava francamente republicano. Já se sabe, publicava-se em Paranaguá.

Os primeiros momentos do regime republicano.

Entre os periódicos relacionados de 1889 e os que nesse ano circulavam, avultam, pelas suas manifestações face ao novo regime instituído a 15 de novembro, "A República", que desde 1886 combatia os ditames imperiais como órgão do Club Republicano; o "Dezenove de Dezembro", que viveu dia por dia a atividade política do Partido Liberal; "Provincia do Parana", oficialmente órgão liberal; A "Tribuna", do Partido Conservador (continuando programa da "Gazeta Paranaense"); em Paranaguá "A Ordem", que defendia os princípios do Partido Conservador, a "Razão", do Partido Liberal e "Pátria Livre", a folha do entusiasmado

propagandista republicano Albino Silva.

A notícia da proclamação da República foi dada por essas folhas, em boletins distribuídos ao público, como era usual na época. Nos dias de hoje seriam tirados edições extras anunciando, com apregoação estridente, evento de tal magnitude.

É de lembrar, a propósito, que "Pátria Livre", o mais inflamado pregador dos ideais republicanos, somente a 25 de novembro tirou o número 33, o qual deveria ter saído a 17, pois o seu número 32 tem a data de 10 de novembro.

Explodiu, entretanto, com boletim sem data, anunciando: "O Povo, exército e armada vão instalar governo provisório que consultará nação convocação constituinte." "Aclamações gerais republicanas Viva o exército e a armada! Viva o povo! Viva a República Brasileira!" No mesmo sentido sai um boletim d'"A Republica", noticiando: "Consta grande revolta do exército e armada contra governo tendo sido morto o ministro da marinha Barão do Ladario".

"Consta também que foi organizado um governo republicano provisório. Viva o Exército! Viva a Armada! Viva a Republica! O telegrapho recusou se até segunda ordem passar nossos telegrammas". Está também sem data esse volante.

A 16, "Patria Livre" solta o seguinte boletim:

"A "Patria Livre" sauda a Nação Brasileira pela proclamação da Republica. Era esse o seu ideal, como o era também da Maioria da Nação que hoje festeja gloriosa a mais ardente, e a mais justa, de suas aspirações. Está organizado o governo provisório republicano, que assim compõe-se: Presidente: Deodoro, Interior, Aristides Lobo, Fazenda Ruy Barbosa, Guerra Benjamim Constant, Marinha Vaendekolk, Exterior, Bocayuva, Justiça Campos Salles; Agricultura, Demetrio. O general Cardoso toma conta hoje da presidencia desta provincia".

Um boletim de "Ordem" dá a público um telegrama de Q. Bocayuva:

"Povo, exercito, armada vão installar governo provisório que consultará nação convocação constituinte. Acclamações geraes republicanas". Este volante traz a data: Paranaguá, 15 de Novembro, 1889.

Com esses e outros boletins, o povo foi tomando conhecimento do que ocorria na Corte.

Aliás, em maio e junho do mesmo ano de 1889, com a queda do gabinete João Alfredo e constituição do novo gabinete, a 7 de junho, chefiado pelo visconde de Ouro Preto, foi por meio de Boletins, que a imprensa deu as respectivas notícias.

Com o novo regime, "Província do Paraná" passava a chamar-se, em 29 de novembro, "Estado do Paraná". A República tornou-se órgão do Partido Republicano.

Desaparece o "Dezenove de Dezembro."

A respeito do "Dezenove de Dezembro" reproduzo aqui o que escrevi em "Imprensa do Paraná no Império", palestra proferida no Círculo de Estudos

“Bandeirantes”. Assim completarei, no presente trabalho, a história da primeira folha do Paraná:

“Aos acontecimentos de 15 de novembro sobreviveu o “Dezenove de Dezembro.”

“Jornal que acompanhou todos os passos do Paraná província, viveu ainda na primeira fase do Estado do Paraná. De diário voltara a bi-semanal. O Partido Liberal, que sempre apoiou, em troca do indispensável auxílio monetário, ocultara-se ao nascer o sol republicano. “A “República”, como órgão do Partido Republicano, arrastava à luta o ex-órgão do Partido Liberal, o qual causticava explorando todas as notícias e as expressões de qualquer comentário de seus editores.

“Dezenove de Dezembro” precisava desaparecer e o fez a tempo, porque os primeiros movimentos do regime republicano criaram para a imprensa paranaense uma fase nova, cujo brilho era, por vezes, empanado por ódios que as lutas apaixonantes criavam.

“O jornal que sentira o pulsar de todos os instantes da Província do Paraná, precisava não chegar a esse borborinho para que no futuro pudesse ser apontado, com justiça, como o periódico que se fechou dentro dos seus trinta e seis anos de existência, num programa de serenidade, refletindo com lealdade e precisão a vida política e administrativa da Província.

“Em seu número de 2 de abril de 1890, ao lembrar que na véspera completara seus trinta e seis anos de vida, o “Dezenove” se diz orgulhoso do papel que representou na imprensa do Paraná, durante a sua longa existência.

“No dia 9 de abril apresentou as suas despedidas em exemplar com a primeira página ocupada com o longo teor do decreto de 19 de março, que sujeitava a imprensa ao regime do decreto nº 88, de 23 de dezembro de 1889, limitando-lhe, assim, a liberdade.

“Abaixo vinha uma nota explicativa: “A vista deste decreto, o “Dezenove de Dezembro” suspende temporariamente a sua publicação, até que se restabeleça a plena liberdade de imprensa”.

“As outras três páginas do periódico mantinham-se em branco.

“Foi assim que nessa data deixou de existir.

“Não se conformaram com o motivo apresentado, a “República” e “Patria Livre”. Este periódico, comentando o desaparecimento do “Dezenove”, observa: “Não nos parece razoável o motivo, pois o documento não se refere á imprensa que se presa, á imprensa que não vive da calúnia, da injúria, dos boatos falsos, enfim”.

“A “República”, em sua edição de 11 de abril, traça violento artigo injurioso ao seu colega desaparecido.

“O Fato é que saiu do cenário jornalístico, o jornal fundado por Cândido Martins Lopes, o cidadão probo e ilustre que emprestou ao Paraná que surgia, todo o seu esforço de homem trabalhador.

“Ao fundador da imprensa paranaense, os filhos da Terra dos Pinheirais devem o bronze da sua homenagem.”

Em edição de dezembro de 1953, da “Ilustração Brasileira”, comemorativa do centenário do Paraná, está uma colaboração minha sobre o “Dezenove de Dezembro”.

Aí fiz a observação de que o “Dezenove” foi substituído, usando-se as mesmas oficinas, pelo “Diário do Paraná”, órgão da União Republicana, dirigido por Nestor Victor.

O primeiro número deste jornal saiu a 21 de abril, trazendo homenagem a Tiradentes, e surgiu com curioso engano. Esqueceram os tipógrafos de alterar a data de 9, de sorte que permanece entre os mesmos frisos a indicação constante do último número, até com o erro no nome do mês, isto é, a troca dos lugares do r e do i, pois estava escrito Abirl em vez de abril. A “Ilustração”, no Rio ao publicar, corrigiu o erro, atrapalhando a explicação. Foi, para mim, todavia, uma honra colaborar nesse precioso volume da consagrada revista nacional.

O destino da Tipografia Lopes.

A história da nossa primeira tipografia será assunto para quem descrever a evolução das impressoras no Paraná.

Quero somente informar que, aos trinta e quatro anos de funcionamento, portanto dois anos antes da extinção do “Dezenove de Dezembro” já funcionava aquela tipografia, com o nome de Impressora Paranaense, face a transação comercial com o Barão do Serro Azul, o qual introduziu nas oficinas, ampliando-as, pois, serviços complementares de litografia, servindo assim, para a impressão de rótulos destinados às barricas de erva-mate, a serem exportadas.

Com a morte do Barão, no trágico fuzilamento da Serra do Mar, dirigiu-a a Baroneza sua esposa, que teve a colaboração de Jesuino Lopes, a prestar, ainda, serviços à Empresa.

Mais tarde, — são informações contidas em trabalho de Max Schrappe Sobrinho, — a Baroneza transferiu a sua parte a Francisco Folch, que, em 1912, fez fusão com a Litografia de Max Schrappe, de Joinville.

Hoje, há a reminiscência dessa primeira tipografia na grande Empresa “Impressora Paranaense”, a cuja frente está o industrial de renome, Max Schrappe Sobrinho, figura proeminente entre os maiores da Associação Comercial e da Federação das Indústrias do Paraná.

Os primeiros da fase republicana.

Nesta fase pós-evento republicano, merece referência o “Quinze de Novembro”, iniciado a 24 do mês da proclamação da República.

Tinha como redator-chefe Leôncio Correia.

O proprietário de "Galeria Illustrada", N. Figueras, resolvera suspender a publicação do seu periódico, para substituí-lo pelo diário que ora saía.

Explicava que tal resolução era tomada "pela necessidade de um órgão imparcial nas condições que pretendemos dar o nosso, e pela acumulação de serviço que creava a publicação de duas folhas illustradas, em a mesma officina, em que abundam os trabalhos particulares".

Neste primeiro número, a terceira página é occupada toda por uma alegoria em homenagem aos obreiros da proclamação da República. Diga o editorial: "A Allegoria ao glorioso acontecimento da proclamação da Republica em nossa patria, que occupa a terceira pagina da nossa folha é uma alevantada homenagem aos inclytos cidadãos, aos intemeratos herois de 15 de Novembro que expuzeram stoicamente a vida a todos os azares do destino, desde que viram amordaçadas acintosamente todas as valvulas por onde respirava o largo pulmão pulmonar".

Ainda, relativamente ao assunto, merece destaque, esclarecimento, a nota seguinte:

"Completo no dia 20 do corrente um anno de existência "Galeria Illustrada", que se não commemorou esse facto, dá em compensação, hoje, nesta folha, a 3ª página illustrada. Manda a justiça que agradeçamos ao director litterario da "Galeria" — o estimado poeta Gabriel Pereira — o bom auxilio que prestou-lhe e a importancia que lhe deu. Prevenimos, outrossim, que aos domingos substituiremos os annuncios por uma pagina artistica e litteraria."

É farto o noticiário, neste primeiro número, focalizando os acontecimentos decorrentes da proclamação da República.

Os números subseqüentes continuam com tal preocupação, e prestam homenagens aos republicanos de primeira linha, reproduzindo folhas com assinaturas de paranaenses que aderiram ao novo regime.

O jornal contava, para isso, com o aparelhamento da "Tipographia e Lithographia do Commercio, a Vapor", que antes editava a "Galeria Illustrada".

Leôncio Correia apresenta-se, nesse órgão de imprensa, em três facetas da sua fascinante personalidade: Jornalista que merecerá referências de sua atividade em outros tópicos desta resenha. Político fervoroso, pois pertencia ao Club Republicano. — Há no número inaugural de seu periódico uma notícia sobre as homenagens prestadas ao governador provisório do Estado, Cel. Francisco José Cardoso Junior, onde se informa: "Antes de recolher-se a esplendida passeata oraram ainda das janelas do Club Republicano os cidadãos, Jayme Ballão, Leôncio Correia, e Manoel Pernetta". Terceira faceta: O Poeta: — É publicada em meio a vasto noticiário desse número do "Quinze de Novembro", a poesia de Leôncio, intitulada de "Joaquim Silvério", de cujos vinte e um quartetos, aqui reproduziremos dois:

"Joaquim Silvério dos Reis! Derrubaste o edificio,
— A grande Cathedral da aspiração sagrada.
Porém, vive o teu nome apertado ao cicílio
De eterna maldição por todos praguejada.
Já que em vida não pude o cuspe do meu amargo
À cara te jogar, das escórias — escória,
Esbofeteio, agora, em verso firme e largo,
O teu exemplo vil, e a tua vil memória".

1890. — Ano da revista "Club Curitibano."

No ano de 1890, a 16 de janeiro, tendo ao cabeçalho o seu próprio nome, o Club Curitybano fez sair um periódico que tinha o objeto "de pôr os sócios a par de seu movimento litterario e diversivo e concorrer para educar-lhes e elevar-lhes o espirito e o coração, a intelligência e o sentimento." Importante tal acontecimento, pois que a revista representava a disposição do Club de aglutinar, de seu quadro social, tendências literárias.

Era presidente do Club, Cyro Vellozo, e redatores do órgão, Padre Alberto José Gonçalves, Dr. Cunha Brito e João Ferreira Leite.

No ano VI (1895) aparece "Club Coritybano" (nova grafia) sob a direção literária de Dario Vellozo, e, na redação, Silveira Neto e ainda Pe. Alberto e João F. Leite. No ano VIII, Leônicio Correia, Júlio Pernetta e Dr. Azevedo Macedo na redação, continuando Dario Vellozo diretor literário.

É de accentuar a homenagem prestada pela revista a Cruz e Souza, em número especial de abril de 1898 (ano IX). A redação cabia, nessa época, a Emiliano Pernetta Júlio Pernetta e Romário Martins. Havia falecido o chefe do simbolismo, — escola que no Paraná encontrava terreno fértil. Emiliano escreveu: "Para dizer do Talento e Esthetica desse bizarro e fulgurante Ser, fora mister uma proclamação innúmera de estrellas".

Em 1900, a 3 de maio, "Club Coritibano" saiu em alentado número especial comemorativo do 4º centenário do descobrimento do Brasil, com farta colaboração dos mais destacados intellectuais, sobre assuntos paranaenses.

Em 1912 entrava a revista em sua 3ª fase, com o 1º número publicado em junho.

Novamente interrompida a sua publicação, até que na Presidência de Alceu Ferreira foi acolhida a revista "Prata de Casa", norteadada com carinho por esse "ouro de casa", que foi Leocádio Cysneiros Correia, como órgão do Clube. Não sei, nem vem ao caso saber o que ficou acordado a respeito da manutenção do órgão. O que sei é que Valfrido Piloto gritou pela "Gazeta do Povo" que a diretoria do Clube "não devia haver-se cingido àquilo que Léo Júnior solicitou. Urge que se arme de coragem, faça tarefa mais completa, preste, enfim, um inadiável, um relevantíssimo serviço ao Paraná. "Prata de Casa" precisa ter maior número de páginas e passar a

ser tirada mensalmente, com divulgação acessível ao público em geral, transformando-se, desse modo, no vasto repositório cultural de que tanto se ressentem os nossos foros de gente ciosa de uma Universalidade e de tantos outros índices de evolução”.

Pois bem, na gestão de Joffre Cabral Silva ficou resolvida a criação de uma revista do Clube e a direção do órgão foi entregue exatamente a Valfrido Piloto.

Estava, pois, em suas mãos, agora, a feitura daquele “vasto repositório cultural”. No entusiasmo que o animou, diga ele nonúmero inicial da nova publicação, saído a 31 de março de 1950: “Hoje aqui vamos entrando na alameda fecunda.

Há vultos que parecem vir ao nosso encontro. Claridade que nos estende braços, em incitamento. São moços de exóticas roupagens, alguns dos quais vimos, depois, encanecidos e se indo para o túmulo. É a falange daqueles inveterados idealistas que, no fim do século passado até ao alvorecer deste, fundaram e deram a seiva de suas primícias espirituais ao outro “Clube Curitibano”, — o de Dario Velozo e de toda a fina flor intelectual daqueles tempos, e cujas três fases de existência constituem indestrutível e notável capítulo da História Literária do Paraná.” Valfrido conseguiu realizar o que prognosticara, tirando 15 números notáveis, de 1950 a 52.

É Arildo de Albuquerque quem informa, ao apresentar a revista comemorativa do 90º aniversário do Clube Curitibano: “No decurso da profícua gestão Joffre, a revista “Clube Curitibano” saiu com louvável regularidade. De início sob a direção de Valfrido Piloto; depois, de Adherbal G. Stresser, sendo redator-chefe: primeiro, Orlando Soares Carbonar, e, posteriormente N. Bacilla Neto”. Esta última fase, por poucos números.

Outras fôlhas de 1890

No âmbito do espiritualismo, 1890 contou com dois periódicos. A 15 de janeiro publicou-se o órgão do Centro Espírita de Curitiba, “A Luz”, e a 25 de outubro, “Revista Spírita”, de “estudos psychicos e de moral”.

Fora de Curitiba somente Paranaguá e Antonina tiveram publicações em 1890.

Em Paranaguá o “Seculo”, a 27 de março, órgão do Partido Republicano Histórico, folha que saía de circulação somente a 22 de janeiro de 1894 se reapresentava como órgão federalista, com editorial que anunciava: “Surge hoje novamente na grande luta pela liberdade e pelos direitos do povo, o “Século”, que desde o começo do malsinado governo do Marechal Floriano Peixoto interrompera a sua publicação”.

Em outro tópico: “O Seculo” saúda e abraça fraternalmente a todos esses grandes heroes que tomaram parte na tomada e rendição desta praça de guerra; e, na pessoa do invicto Almirante Custodio José de Mello, comandante em chefe das

forças libertadoras, envia a esses valentes soldados da liberdade as homenagens do povo paranaguense”.

Em Antonina, “Il Monitore del Paraná” teria sido o primeiro periódico em língua italiana, em nosso Estado. Seu primeiro número foi de 28 de setembro.

Mas os primeiros dias da República haviam de estar a empolgar a toda gente e também a dividir os republicanos, na disputa de situações. Pouco estaria, portanto interessando um “giornale dedicato a gl’interessi dell’Agricoltura, Industria e Commercio — fra l’Italia ed il Brasile”

Sequência de novos periódicos

O “Diário do Paraná”, publicado em 1890 por Nestor Victor, deixara de circular, para voltar em 1891, a 29 de novembro (a.I nº1), agora sob a direção de Menezes Doria, Cunha Brito e Chichorro Júnior. Entrou na arena como órgão da União Republicana, atacando “A República” que representava o Clube Republicano, sob a direção de Vicente Machado.

Logo em 1892, a 6 de fevereiro, vem à luz “A Federação”, dirigida pelos mesmos três políticos que estiveram à frente do “Diário do Paraná” no ano anterior, continuando agressiva em sua linguagem polêmica.

Disto resultou o seu fechamento pelos detentores do poder. Como o “Século” de Paranaguá, a “Federação” acabara ao lado dos Maragatos, na Revolução Federalista, que como se sabe, encheu de paixões os políticos e respingou de sangue famílias paranaenses.

Merece referência, surgido a 21 de janeiro de 1891, “O Guarany”, tendo como redatores Silveira Neto, Augusto Stresser, Brasília Costa e Antônio Braga, nomes sempre lembrados na vida cultural da nossa Terra.

É uma delícia manusear exemplares dessa preciosa revista, ilustrados com trabalhos a lápis, de Silveira Neto (retratos, entre outros), de Benjamin Constant, Manoel Bocage, Silva Jardim, ou alegorias e caricaturas; e de Augusto Stresser (também retratos de Abílio Cesar Borges, José de Alencar, Couto Rocha, Deodoro da Fonseca, Carlos Gomes). Colaboradores da revista: Leôncio Correia, Dario Vellozo, Lindolfo Pombo, Silveira Neto, Antônio Braga.

No primeiro número uma explicação: “O Guarany”. — Damos ao nosso pequeno jornal o nome que nos serve de epigrafe em honra á memória do maior vulto do romance brasileiro, — José de Alencar, — e homenagem ao extraordinário artista brasileiro, o immortal Carlos Gomes”.

Em Paranaguá, no ano de 1891, é publicada a “Gazeta do Commercio”, prometendo sair semanalmente. Sem manifestar cor partidária nem revelar os nomes de seus redatores, informa que “os artigos de interesse geral publicam-se gratuitamente”.

A "Voz da Escola" é outro órgão paranaguense e se diz "consagrado á educação da mocidade paranaense". Seu redator, Lindolpho Pombo. Ainda da cidade marinha, "Leitura Popular".

Três publicações em língua estrangeira saem na Capital, 1892: "Deutsche Post", "L'Italia" e "Gazeta Polska", atendendo às três correntes imigratórias desse tempo em que saíram, ainda, "O Democrata", "Domingo", "XX de Setembro", o "Artista", "Correio de Debates", a "Voz do Povo." Em Paranaguá, completando a grande leva desse ano, "O Abano", o "Pharol", "O Tempo", "A Sentinela".

"O Abano", redatoriado por "alguns phantasticos", anuncia-se "órgão dedicado ás esbeltas paranaguênses", e o "Pharol" "órgam do Centro Spirita de Paranaguá, Associação de Estudos Psychologicos."

Lá para o Oeste, em Xanxerê surge o "Xapécó", redatoriado pelo chefe militar dessa região militar, Cel. José Bernardino Bormann que participou do movimento de forças da Revolução Federalista. Bormann escreveu, mais tarde, "Dias Fraticidas", em três volumes, e foi o primeiro presidente do Instituto Histórico e Geográfico. hoje Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense.

Em 1892, o ano conturbado pela revolução federalista

Não obstante o abalo da reação contra o governo constituído, vieram à luz vários periódicos. Entre outros, em alemão, "Die Mosquito", "Carnaval Anzeiger Thalia", "Illustriertes Unterhaltensblatt", e em italiano "Il Corriere d' Italia" e "Il Lavoratore." "A Semana", "Folha Nova" e "Revista Azul".

"A Semana", de 1º de janeiro. Propriedade de José Raposo, secretário Dario Vellozo, era de "ciencias e artes, nada de política", embora não deixasse de passar em resenha os fatos da semana "desde que esses factos não affectassem á política local", observava o seu proprietário, em prospecto antes distribuído.

"Folha Nova", de 15 de janeiro, tinha como diretor Domingos Nascimento, e noticiaria, Albino Silva. Aparecia com intuitos de paz, adotando o lema "Conservar a República para melhorá-la". Não há lugar para a luta entre os indivíduos, quando as idéias que consagram sejam as mesmas", pondera Domingos Nascimento, em o 2º número do jornal.

"Revista Azul" (de agosto) teve como diretor proprietário Júlio Pernetta e redator Dario Vellozo, que, em apresentação, a leitoras se dirige para dizer que é mais uma sincera tentativa em prol da sacrosanta cruzada das lettras", aquela publicação.

Leôncio Correia, ainda na primeira página, pergunta: "Azul como um sonho virgem de poeta? Azul como o dia luminoso e cálido de verão em que o ceo se curva como uma petala de violeta abatida pelo Sol?"

"Sim! azul como o olhar dulcissimo de Christo e como o virginal sorriso da

Poesia” entre considerações poéticas, responde o próprio Leôncio.

Entre seus colaboradores, Leôncio Correia, Albino Silva, Domingos Nascimento, Antônio Braga, Silveira Neto, Dario Vellozo, Justiniano de Mello. Deste se destaca, publicado em vários números, “O Amor Materno e a educação dos instintos.”

Os primeiros de Ponta Grossa e Guarapuava

Foi em 1893 que se inaugurou a imprensa em Ponta Grossa. “Campos Gerais” seria o seu primeiro periódico (13 de maio), embora haja vaga notícia da uma publicação, em fevereiro, o “Pirolito”, que deve ter sido carnavalesco.

“Campos Gerais” era semanário de propriedade de João Rocha Bahls. Seu número inicial era comemorativo da “Lei Áurea”. Aí vem, em disposição artisticamente arranjada: “Homenagem á Confraternização dos Brasileiros. Salve Lei nº 3353. 13 de Maio de 1888—1893. Trabalho e Honra.”

Em Guarapuava (4 de abril) “O Guayra” e em 13 de Maio, “Treze de Maio”, “Jornal das Crianças” foi o terceiro (28 de novembro). “O Guayra” tinha como proprietário Serafim Ribas, e redator Luiz Daniel Cleve, que se destacou como jornalista, pela fluência com que produzia os seus editoriais.

1894 a 1898, ano de “O Sapo”

São de 1894, “Recreio Familiar” (19 de fevereiro), “Correio do Paraná” (19 de agosto), que se anuncia propriedade de Pio & Comp, sem cor política e, sim, “somente representantes do Povo; “Estado do Paraná” (29 de setembro), órgão do Partido Republicano.

Ricardo de Lemos e Romário Martins dão publicidade a 19 de fevereiro de 1895, de “Cidade de Curitiba”, “dedicada aos interesses do commercio, ao mesmo tempo que apparecerá sempre impregnada da fragancia de produções litterarias de subido valor”.

Ricardo de Lemos, morretense, projetou-se na vida literária paranaense. Além de seus preciosos poemas, muitos dos quais compondo seu livro “Ventarolas”, foi colaborador assíduo de nossos jornais com suas quadras satíricas e humorísticas. Mereceu figurar na galeria dos literatos paranaenses publicada no número especial de “O Sapo”, comemorativo do quarto centenário do descobrimento do Brasil, a 3 de maio de 1900. É o patrono da Cadeira nº 36, da Academia Paranaense de Letras, cujo titular fundador foi Heitor Stockler de França, e atualmente ainda vaga.

Romário Martins, companheiro de Ricardo de Lemos nessas “juvenis aspirações, das quais a ninguém é lícito duvidar”, já mereceu destaque neste trabalho, para mim estafante embora agradável, de ajustar, bem exatos os merecimentos de quem militou na nossa imprensa. E quando duas figuras, a quem

dediquei a mais cara amizade, figuram nesse ajuste, é com emoção que procuro acertar na tarefa que me atribuí.

Ainda de 1895 são, entre outros, “A Pátria”, “O Cenaculo”, “A Arte”, “Correio Municipal”, “Polonia”, “O Merito”, “A Tribuna”.

“O Cenaculo”, fundado por Dario Vellozo, Silveira Neto, Júlio Pernetta e Antônio Braga, em abril desse ano, procurava “corajosamente, aproveitando os minereos, — heterogêneos embora, — que constituirão quiçá o período primordial da litteratura paranaense, — concorrer ao certame sc̃ientífico-literário que já se vai accentuando em alguns dos demais Estados da República”.

“A Arte” sai em “segunda epocha” como “orgam illustrado da Escola de Belas Artes e Industrias”, de Mariano de Lima.

“A Tribuna”, de 7 de setembro, é a gazeta de Sebastião Paraná, que a tira afirmando, com sua alma patriótica: “Orlada de esperanças e com o olhar fincado nas brumas do passado, “A Tribuna” apparece para se bater, peito a peito, em prol dos interesses do povo, que constituem a causa cordeal de todas as comunidades civilisadas”.

De 1896, entre vários periódicos, sejam destacados: “Diário do Paraná” e “Gazeta do Povo”, esta de propriedade de Celestino Júnior.

“Diário do Paraná”, de 1º de novembro, teve como redator o Dr. Victor Ferreira do Amaral e como proprietário Fernando Augusto Moreira, mineiro artista na tipografia. Trabalhara este, nas oficinas do “Jornal do Comercio”, no Rio, de onde para cá se transportou, tendo trabalhado na “A Republica”. Aí compôs tipograficamente, o retrato de Prudente de Moraes, presidente da República, cuja biografia se pode ler na sequência da disposição dos tipos.

A tipografia que montou e em que editou o seu jornal foi destruída por incêndio, tendo, então, o dedicado artífice, abandonado a sua profissão. Isto o fez passar dificuldades, até ser nomeado inspetor de alunos do Ginásio Paranaense. Foi, depois, professor e fundador da “Escola Republicana”, ao seu tempo, dos mais conceituados estabelecimentos de ensino particular, em Curitiba. Dirigiu, ainda, o Instituto Comercial, mantido pelo Governo do Estado, e o Colégio Progresso, antiga Escola Alemã, onde criou curso ginasial e a Escola Técnica de Comércio.

É de sua autoria um método de taquigrafia e estenografia, pelo qual formou muitos profissionais e habilitou a quem desejasse adquirir essa técnica de escrita. Mereceu a estima de quantos lhe apreciaram as qualidades de cidadão sempre pronto a amparar os bons empreendimentos, nessa “gloria humilde de ser bom”, como o caracterizou em versos, Quintiliano Pedroso, o poeta admirável de “Délia”.

Victor Ferreira do Amaral tem seu nome ligado às lides jornalísticas paranaenses, não só por aquele periódico também como fundador de outras folhas, entre as quais “Gazeta Médica do Paraná” e “Comércio do Paraná”, que serão referidas oportunamente.

Foi propagandista da abolição da escravatura, e fervoroso batalhador pela República.

Médico conceituado esteve à frente dos fundadores da Universidade do Paraná, tendo sido seu reitor até a jubilação, quando lhe foi outorgado o título de "Grande Benemérito da Universidade", a maior honraria até hoje atribuída por essa instituição.

Foi deputado constituinte estadual, deputado federal, vice-presidente do Estado, Diretor Geral da Instrução Pública, Diretor do Serviço Sanitário do Estado.

Pretendia, o "Diário do Parana", ser jornal de esclarecer a opinião pública sem trazer para suas colunas "a discussão esteril das lutas apaixonadas e virulentas e dos interesses mesquinhos da política de campanário".

Entre 1897 e 1898 foram publicados em Curitiba nada menos de trinta periódicos. Seria isto uma decorrência da volta à tranquilidade?

Entre os órgãos noticiosos destacam-se, dessa época, a "Ordem", o "Município", "Jornal do Commercio", "O Pharol". Literário, "A Penna", de Romário Martins e Júlio Pernetta; "Galaxia", que reunia sob a direção de Reinaldo Machado, grupo expressivo de intelectuais, como sejam: Romário Martins, Emiliano Pernetta, Dario Vellozo, Chichorro Júnior e Júlio Pernetta.

Ainda literário, "O Sapo", em 1898, com a colaboração dessa mesma gente que se havia de destacar nesse período e entrar, como mestres, pelo primeiro quartel do século XX, honrando o valor cultural paranaense. Foram fundadores dessa preciosa revista, Leocádio Cysneiros Correia, Leite Junior, Gabriel Ribeiro, Thales Saldanha. Leocádio Correia foi o propulsor da revista. São seus companheiros que afirmam em número do segundo ano do periódico: "não fora a sua inclinação para a imprensa e, por certo, apesar dos nossos esforços e da nossa boa vontade, "O Sapo" já de há muito descansaria entre nuvens de saudade, na sombra imensa do passado extinto". Esse era o jovem que prometia conduzir a sua vida em constante trabalho literário, divulgando o pensamento paranaense, na longa trajetória de "O Sapo", "Folha Rosea", "Prata da Casa", entre outros mais órgãos. Foi o estimulador de outras gerações, que viu surgirem, com o mesmo ardor de moço.

No terceiro ano de circulação, "O Sapo" apresentou-se em número especial, a 3 de maio de 1900, comemorativo do quarto centenário do descobrimento do Brasil.

Aí, em folha especial, apresenta galeria dos literatos paranaenses mais destacados da época. Nestor Victor, Chichorro Júnior, Romário Martins, Emílio de Menezes, Domingos Nascimento, Rocha Pombo, Lúcio Pereira, Sebastião Paraná, Emiliano Pernetta, José Moraes, Nestor de Castro, Leôncio Correia, Silveira Neto, Jayme Ballão, Ricardo de Lemos e Júlio Pernetta foram os homens de letras merecedores, mui justamente, dessa homenagem.

1899 —O ano do “Diário da Tarde”

É de 18 de março de 1899 o primeiro número do “Diário da Tarde”, que se havia de caracterizar como o periódico de mais prolongada circulação no Paraná, pois no momento em que estou rabiscando esta resenha (junho de 1975) circula ainda, embora sob o patrocínio da “Gazeta do Povo”.

Foi fundado por Estácio Correia, obedecendo à tendência de surgir “em virtude da necessidade que sente o nosso Estado de uma folha que seja, entre as lutas partidárias, um elemento ponderativo”. Mas, com a sua ponderação, esbarrou muitas vezes no desgosto de muitos que foram alvos de seus ataques, em circunstâncias várias.

É de Euclides Bandeira uma interessante crônica de que reproduzo, aqui, trecho referente à ação inicial do fundador do jornal: “Teve o seu ilustre fundador, o saudoso Dr. Estácio Correia, a visão perfeita do panorama social: preparou-se para a rude batalha de abater o consuetudinário sistema (queria referir-se à distribuição de jornais somente a assinantes) e, por outros caminhos, introduzir o jornal nos hábitos populares. O que se fazia mister, antes de tudo, era atrair a atenção pública. Estácio apelou para estratagema inocente, mas por fim inócuo: encheu a cidade de fantasmas, de preferência no alto de S. Francisco e atrás do cemitério. Notícias impressionadoras de aparições terrificantes. A imaginação, em delírio, de, de Poe e Hofmann perpassava nas 4 páginas. O artifício deu ponto. O Dr. Estácio Correia, porém, cometeu grave erro de psicologia: não procurou, concomitantemente, interessar o leitor assim desperto, em outros assuntos; sobreveio o fastio pelos lobishomens e a folha entrou em franco declínio, sendo o seu proprietário estrangido a tranzá-la. Contudo, aproxima-se o naufrágio... Quis porém, o destino, a periclitante galera fosse ocupada por decidida equipe, valoroso contingente de uma das mais rútilas gerações literárias. Cheia de ardor e de novidades”. Refere-se Euclides a uma das seções — “Vitrina do diabo”, “Chistosa, esfusiante e mordaz”, para consignar: “Apesar de moça, a equipagem demonstrou prudência, evitando o escolho psicológico do fundador, isto é, aproveitou a ótima acolhida ao vespeiro da “Vitrina”, para interessar todas as classes nos múltiplos assuntos que entretecem a vida social. Debates impávidos em torno de atos e fatos administrativos; sobre questões políticas, econômicas religiosas, letras, artes, ciências. Em vez de fantasmas, a transcrição da realidade, em ocorrências dramáticas ou trágicas, catadas nas folhas dos Estrados, com o mesmo empenho de Júlio Verne na biblioteca de Nantes, para suas obras maravilhosas.” Informa, ainda, a propósito, a instituição de “reportagens sensacionais, porém verídicas, ficando célebre o “furo” dos “banhos de toalha”, cruéis surras de espada, sob muito sigilo, nos presidiários”.

Era assim que o jornal tinha por norma, na oportunidade precisa, “conhecer a imensa importância do fato, — assinala Raul Rodrigues Gomes, — para achá-lo,

narrá-lo, explorá-lo”.

Com esse objetivo labutaram os “bravos que se sucederam” — como disse Euclides Bandeira, — neste front de contínuas e, não raro, fragorosas lutas”.

Destas “fragorosas lutas” resultaram reações que faziam com que se unissem as próprias vidas, evitarem invasões e depredações por turbas assalariadas.

Ulisses Vieira, Raul Rodrigues Gomes e Euclides Bandeira, entre outros, pertenceram à grei desses bravos.

Raul Rodrigues Gomes, o decano da imprensa no Paraná, teve atuação brilhante em vários períodos do vespertino e afirma em entrevista: “Até ao aparecimento do “Diário da Tarde”, o Paraná desconheceu o gênero de jornal dedicado e absorvido inteiramente pela reportagem local, social, nacional e universal”, e classifica esse órgão como tendo sido sempre “instrumento de divulgação honesta, variada, proteiforme, solícita, fascinante”.

Ainda de 1899, são registrados mais nove periódicos, destacando-se “Esphinge”, de Dario Vellozo, “Revista Litterária”, “Tribuna do Paraná”, “Oito de Dezembro”, este, como órgão da Associação Curitibana dos Empregados no Comércio. Iniciado a 8 de abril, tinha como redatores: Generoso Borges, Olegário Lisboa e Roberto Glässer.

“Tribuna do Paraná”, saiu a 3 de novembro. Seus redatores: Menezes Dória e Emygdio Westphalen. Nasceu turbulento, em sua longa apresentação somente ataques ao governo constituído, neste tom: “Nos anais da história brasileira não se encontrara governo mais violento, mais fraudulento mais perverso, mais viciado, mais despótico do que o existente no nosso humilhado Paraná”.

No período de 1894 a 1899, folhas do interior do Estado

Em Paranaguá: “Fé Espírita”, em 1894; “Voz da Verdade”, 1896, e, em 1897, “A Nação”, “Férula”, “Paranaguá”, “Constitucional”, “O Bouquet”, e “A Verve”.

De Antonina, “Cysne”, 1898, e “Capellista”, 1894.

“Gazeta dos Campos”, e “Club Pontagrossense”, de 1898, e mais “Futuro do Paraná”, são de Ponta Grossa.

Lapa apresenta “Echo da Lapa”, e “Cidade da Lapa”, em 1895, e “Folha da Lapa”, em 1898.

Em Guarapuava: “Paraná” e “Alvorada”, respectivamente em 1894 e 1896.

São de Palmeira, “Lide”, 1895, “A Comarca”, 1896, e “Parochia da Palmeira”, de 1899.

1900 — ano do 4º centenário do descobrimento do Brasil.

Foi de Agostinho Leandro, — dedicado líder dos trabalhadores no Paraná, o

primeiro periódico do ano. "O Operário", de 19 de janeiro, apresenta-se ao público confessando que, "a ser politiquês, prefere viver no balaio de costura das moças e á tarde com ellas gosando na janella". Promete, entretanto: "Onde encontrarão, sempre, "O Operario" será ao lado dos fracos, lado ao qual sempre pertenceu".

Sejam passados em revista mais alguns dos periódicos desse ano, lembrando, antes, duas edições comemorativas, já referidas: "Club Curitibano" e "O Sapo", o primeiro com farto documentário sobre o Paraná, e o segundo trazendo alegorias literárias e a memorável página dupla, com a galeria dos nossos escritores e poetas.

É de 24 de fevereiro, "O Commercio", da Associação Comercial do Paraná e cuja chefia de redação foi confiada a Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, figura de relevo na sociedade paranaense, jurista que alcançou grande prestígio, pela sua inteligência e probidade. Foi deputado estadual, diretor da Instrução Pública, em cujas funções legou ao Paraná o Código de Ensino, documento que disciplinou a administração escolar, por largo tempo, em nosso Estado. Afeito a estudos jurídicos e de história, enriqueceu a literatura paranaense nesses setores. Foi professor de Direito e membro da Academia Paranaense de Letras. Na apresentação de seu roteiro, prometia o jornal: "Propugnaremos por todas as boas causas: a justiça, a instrução pública, as artes, a lavoura, todas as indústrias, todas as classes de trabalho, a Pátria, a República, terão neste jornal sempre um defensor, pois tudo isso está intimamente ligado á grande causa do Comércio".

No ambiente literário, salienta-se "Azul" (4 de março), com Santa Ritta Júnior, Evaristo Pernetta, B. Nicolau dos Santos, Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Tiago Peixoto, como redatores. Fiziam esses imortais do ideal, a certa altura da apresentação: "A ti, Azul, erguemos as nossas fronte engrinaldadas de sonhos, para que sobre elas desça numa endosmose amplíssima de luz, o teu effluvio inspirador, para que sobre elas caia a pulverização da via-láctea aberta no teu manto, desdobrada no teu manto!".

"Pallium", "Breviario" e "Turris Eburnea", são também literárias, a primeira de Silveira Neto e Júlio Pernetta. Romário Martins, Alfredo Coelho e Aluizio França comandaram "Breviario", e "Turris Eburnea", como revista de arte, era orientada por Aluizio França.

Foi uma gente que, junto a outros compôs, a vida literária paranaense, para se firmar na eclosão do novo século.

No primeiro decênio do Século XX.

Foi um tanto fraco o movimento de imprensa neste período. É que não houve um acontecimento político de relevância, a determinar defesa de princípios.

Nota-se, entretanto, um início de campanha anticlerical, que havia de provocar natural reação.

Assim, "Electra", de 1901, apresenta-se como "Orgam da Liga Anti-Clerical

Paranaense", visando "Guerrear princípios, não pessoas"; "Acácia", órgão da Loja Maçônica Acácia Paranaense. E mais, em 1902, "O Azorrague", e, em 1905, "Vanguarda", da mocidade livre pensadora.

Em oposição, "O Atalaia Christão", órgão evangélico, "A Imaculada", "Anchieta", estes dois últimos órgãos católicos, aos quais se juntou "Anjo da Guarda", das "Obras do Cathecismo das Escolas Católicas e Associações Infantis".

Em meio a esses, surgem muitas pequenas e efêmeras folhas de crítica e humorismo.

Órgãos noticiosos, "Paraná", do Partido Republicano, e "Notícia", imparcial de Celestino Júnior.

Noticioso, também, foi "Der Kompass", em língua alemã, surgido em 1902, de julho. Fundado por Franz Auling, Cyriacus Hielscher, Redemptus Kullmann e Paul Schumann. Foi, por muito tempo, o periódico que toda a colônia alemã do Paraná leu a fim de ter conhecimento do que ocorria no mundo. Em o número comemorativo de seus 25 anos (1º de julho de 1927) historia a sua vida e reproduz a primeira página do número inicial.

No setor da ciência médica, tem destaque, surgida a 12 de outubro de 1906, "Gazeta Médica do Paraná", "por uma necessidade inadiável no nosso pequeno centro de actividade profissional", asseveram os Drs. Victor do Amaral, João Evangelista Espíndola e Reinaldo Machado, três expoentes da medicina, a servirem a Curitiba daquela época.

De outra parte, Nilo Cairo, propagando a medicina homeopática, lançou, já em 1906, a "Revista Homeopathica do Paraná".

De 1906 é também o órgão do "Grêmio dos Professores Públicos do Estado do Paraná". Chamou-se "A Escola", tendo como redator Sebastião Paraná, o qual apresentava dizendo: "Ela vem, não so preencher uma lacuna, mas ainda lidar sincera e descabeladamente em prol do progredimento da instrução pública do nosso futuro Estado e da classe que a dirige em labuta quotidiana e profícua".

Ainda no âmbito da educação, os alunos da "Escola Republicana", cujo diretor era o Prof. Fernando Augusto Moreira, lançaram "O Republicano". Lopes Netto e F. Avelino Lopes eram os seus redatores, prometendo "pugnar ardorosamente pela instrução" e "incitar entre aqueles que estudaram, o culto das letras, que já tem dignificado tantos patrícios".

Como periódico humorístico, crítico e ilustrado, entre vários desse gênero destaca-se, em 1907, "O Olho da Rua". Fartamente ilustrado, além de críticas e charges buliçosas com a política regional, reuniu, na seqüência de sua publicação, boas produções literárias, artísticas e musicais. A secção de letras caricaturada apresentou os já consagrados poetas de então. Igualmente os musicistas tiveram seus trabalhos aí reproduzidos.

"Paraná", publicada sob a direção literária de Romário Martins, é uma revista feita com arte e, porque não dizer, com luxo. Propunha-se a "constituir, no fim de

cada ano, “um verdadeiro album divulgador da nossa validade, que enfeixará tudo quanto se referir á nossa terra, reduzindo na expressividade do texto e da photogravura, as proporções do nosso imenso e admiravel scenario”. Surgiu em agosto de 1907. A parte artística da sua composição estava a cargo de Paulo de Assunção, que foi, por longo tempo, diretor da Escola de Aprendizes Artífices, mais tarde transformada na Escola Técnica do Paraná. Na imprensa curitibana Paulo de Assunção militou mais especificamente como crítico de arte.

Júlio Pernetta, com a sua preocupação em problemas rurais, editou nesse ano de 1907 o “Boletim Colonial e Agrícola do Estado do Paraná”, como órgão da “Comissão de Colonização”.

Por esse tempo, saía em Paranaguá “O Mercantil”, em Ponta Grossa “O Progresso”, de Jacob Holzmann, — folha que se havia de transformar, mais tarde, no “Diário dos Campos”, hoje tradicional e prestigioso jornal princesino.

Para Morretes, foi o ano do “Lutador”, com o propósito de “servir esta terra e trabalhar pelo seu progresso e desenvolvimento”.

Romário Martins e o catálogo de jornais

Uma observação se faz, aqui, necessária e justa, relativamente aos periódicos publicados até 1907. Trata-se do catálogo organizado sob os cuidados de Romário Martins. Deixe-se que ele informe:

“Nomeado representante do Paraná na Exposição Commemorativa do Centenario da Imprensa no Brasil, realizada no Rio de Janeiro em 1908, organizei, por essa ocasião, o Catalogo dos jornaes do Paraná de 1854 a 1907, e varias colleções de jornaes e revistas. Desse catalogo (continua Romário, à página 37 de “Eu”) disse Alfredo de Carvalho, um dos directores da Exposição, pela Revista do Instituto Archeológico e Geográfico de Pernambuco, vol. XIII, pag. 659660:

“As informações ministradas pelo Dr. Romario Martins são completas, com relação a quasi todas as especies da maioria das quais — além de dados usuais sobre as typrographias em que foram impressas, indole e orientação politica, nomes de redactores e proprietarios, formato, numero de paginas e de colunas, preço de assignatura, duração e periodicidade da publicação — transcreve por exemplo os artigos inaugurais. Seu trabalho é, pois, sem contestação, um dos mais methodicos e exhaustivos dos que a commemoração do 1º Centenario da Imprensa no Brasil fez apparecer”.

Pois bem, na ocorrência, a 8 de dezembro de 1974, do centenário de nascimento de Romário Martins, resolveu o Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense comemorar o evento, e uma das homenagens prestadas a esse vulto paranista, consistiu na publicação especial do volume XXIII, ano 1974, do Boletim do Instituto.

Ao apresentar essa publicação, escreveu o General Luiz Carlos Pereira Tourinho, digno e dedicado presidente do IHGEP:

“Para nós deste Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico, Romário constitui um símbolo. Foi seu fundador. Durante 48 anos esteve presente. Por isso, merecidamente, elegeram-no seu presidente perpétuo. Hoje, passados 100 anos do seu nascimento, reverenciamos sua memória editando este Boletim Especial, cuja confecção foi entregue à capacidade e meticulosidade do nosso prezado consócio Edilberto Trevisan”.

O Dr. Edilberto Trevisan é o 1º Secretário do Instituto, cargo que ele tem honrado com a sua inteligência, o seu espírito de sacrifício e o seu desvelo.

Entre as peças que compõem o Boletim, deliberou incluir o catálogo referido, tornado, a essa altura, muito raro nas estantes paranistas.

Agradeço-lhe a delicadeza de haver dado destaque, como adendo, a anotações e achegas que lhe forneci e que poderiam, como era meu desejo, estar incluídas no corpo do catálogo de Romário.

O Catálogo de 1908 a 1954.

Agora, a minha deliberação: compor o catálogo dos periódicos de 1908 a 1954. Este limite coincide com a resenha que aqui vou escrevendo como contribuição para a história da imprensa no Paraná. Por isso, tem o título “Cem anos de Imprensa no Paraná — 1854 a 1954”.

Assim sendo, fico mais à vontade para considerar os dois trabalhos em paralelo, podendo, com mais direito, deixar de mencionar todos os periódicos, — omissão que já vem ocorrendo com relação aos de datas mais próximas de 1907. No Boletim do IHGEP os interessados terão a fonte de informação, em tal sentido.

Exposição de periódico de Ponta Grossa.

Já que entrei em tais comentários, aliás bem do âmago da história da imprensa paranaense, e a propósito de ser 1907 o ano da saída de “O Progresso” (27 de abril), de Ponta Grossa, seja-me permitida referência a uma das exposições que apresentei, de jornais regionais. Trata-se da mostra de cerca de cem periódicos pontagrossenses, que fiz figurar em certame comemorativo do sesquicentenário da criação da Freguesia de Ponta Grossa, e promovido pela Universidade Estadual daquela cidade.

Valfrido Piloto escreveu, na oportunidade, o amplo relato sobre os jornais que seriam expostos. E o fez com brilhantismo. Foi, assim, brindada Ponta Grossa com “Idéias de ontem, da cidade sempre jovem”. Em preâmbulo, ao aludir às “contribuições de Ponta Grossa para a grandeza do Paraná”, acentua Valfrido que

“em todas essas cooperações, sempre se esmerou a Capital do Segundo Planalto. É indispensável se erija a história da insuperável mensagem aí atuante sobre os Campos Gerais. Temos certeza, virá perfeita na interpretação, pois uma geração hoje se dedica, naquelas lides, a rechaçar todos os fantasmas da oniciência universitária. Nos multivários setores do passado e do presente de sua cidade, encontrará material fértil”. “Quisemos tomar a liberdade de lhe dar, a esse respeito, — continua Valfrido, — uma demonstração, apesar de jungida a falhas no acervo e pouco engenho no preparo. É, esta viagem, bastante emocional, mas sobretudo cívica, percorrendo uma centena de jornais pontagrossenses, desde o nº 1 do pioneiro “Campos Gerais”, de 1893, até à expressiva publicação com que a perfeição gráfica e o primor intelectual saudaram o Centenário do Paraná”.

“Tomamos nós, — e vai longe o meu confrade e irmão, — a tarefa, em virtude de se achar ausente do Estado o Prof. Osvaldo Pilotto, o qual, na mocidade, decidira colecionar jornais do Paraná, principalmente os primeiros números. Entrou a Princesa dos Campos com régios contingentes. Foram apenas esses exemplares que nos propusemos revelar, e isso com o propósito de que ficasse atendida a solicitação para serem expostos, por ocasião dos festejos do sesquicentenário da criação da Freguesia. É natural caber o mérito a quem colecionou, possibilitando a reconstituição. Louvemos, pois, o pontagrossense de relevantes serviços, que generosamente confiou ao pontagrossense de coração o relicário há tanto conservado com especial carinho”.

“Expostos os jornais, sem serem acompanhados de um pouco de suas histórias — pondera ainda Valfrido, seria improficuo, se não risível, desde que possuímos hoje, e igualmente Ponta Grossa, publicações de passo certo com o periodismo do Brasil e do mundo. Cumpria, como se tentou, deixar evidente a luta, os inapeláveis, os incríveis duelos contra os poucos recursos do meio, até, em certos casos, contra a negra miséria pessoal, com que uma legião de beneméritos foi consolidando a imprensa princesina e servindo magistralmente a evolução da cidade”.

Com a deixa marcada pelas observações finais de Valfrido, referentes a duelos contra a adversidade e até contra a negra miséria pessoal, em certos casos, vou ficar ainda um pouco nos fastos do jornalismo princesino, compondo um capítulo de lembranças.

Um capítulo de lutas e de heroísmo na imprensa de Ponta Grossa.

Tomando base no relato contido no capítulo “A Pena”, do livro “5 Histórias Convergentes”, em que Epaminondas Holzmann registra fatos e coisas da vida pontagrossense, é de lembrar que, após tentativas de imprensa, “em meio à sucessão interminável de periódicos de mera literatura e humorismo, Aldo Silva lançou, em 1894, na rua Sant’Ana, o jornal “O Comércio”, de cunho político, com anunciantes

e assinantes”.

“Os três irmãos Silva, — registra o Minonza, — rapazes de inteligência robusta e guiadas pela experiência do preclaro genitor, puseram-se a fazer jornalismo de verdade”.

Trata-se de Aldo, Zeno e Cyro, filhos de Albino Silva, o jornalista da propaganda republicana em “Pátria Livre”, o seu jornal, já referido entre os de Paranaguá.

Mas eles “mexeram em casa de marimbondo”. Aldo Silva teve que encerrar a publicação de “O Comercio”, depois de manifestações hostis de politiquinhos.

Foi, a oficina, oferecida a Jacob Holzmänn, que a adquiriu, afinal.

Entre os motivos desta sua deliberação, estava o temor de perder o trombonista, também tipógrafo, João Antunes de Oliveira, o qual fazia parte do elenco da “Lira dos Campos”, banda musical de Holzmänn. Aldo Silva manifestara a vontade de levar o tipógrafo para S. Paulo.

Daí, “a 27 de abril de 1907, — narra o próprio Jacob Holzmänn, — saiu o 1º número de “O Progresso”, batizado com esse nome pelos meus amigos coronel Diogo de Oliveira Penteado, Manoel Xavier Pereira e capitão José Baily Ribas.”

Alfaiate exímio, mestre na profissão, Jacob emprestou a sua operosidade a outros empreendimentos, entre os quais o de manter uma banda musical, porque a música fazia também parte da sua vida.

Posteriormente, chegou ele a ser empresário de cinema, fundando o Cine “Renascença”.

Era, Jacob Holzmänn, acima de tudo, uma proveitosa inteligência, no desígnio de prestar serviços preciosos à sua terra adotiva.

Lutou, ele, com a manutenção do periódico, por quatro anos, e, já por vários motivos um tanto saturado pela empreitada, “foi que, — diga-o ele, — me apareceu uma alma benfazeja que, talvez com ciúme de meus tantos negócios, quis tirar-me um, a mascote — “O Progresso”. Essa alma benfazeja era o meu particular amigo Eliseu de Campos Mello, que bem merece uma página de glória na história jornalística pontagrossense, porque carregou “O Progresso” às costas, um ano e meio, sem se queixar a ninguém” (Relato de Jacob Holzmänn transcrito no livro de Epaminondas).

Trabalhou com Jacob Holzmänn no jornal, como redator, o ferroviário Augusto Silva, mais tarde substituído por João Dutra, igualmente da Estrada de Ferro.

Também por Hugo Borja dos Reis, que teve atuação notável na imprensa pontagrossense.

Aconteceu que Dutra, investia pelas colunas da folha contra o engenheiro fiscal da ferrovia Dr. Gastão Sengés. Disto resultou ojeriza contra o órgão, tendo sido visados ambos esses redatores, embora Hugo dos Reis declarasse nada ter com a

briga. A sua combatividade se concentrava em comentários sobre a questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina.

Aproveitaram, os políticos, a oportunidade para o lançamento, a 1º de maio de 1909, de um novo jornal, o "Diário do Paraná", dirigido pelo Dr. Abraão Glasser.

Sob o pretexto de serem adventícios, pois eram ambos esses jornalistas de "O Progresso", fluminenses, seriam os mesmos combatidos pelo novo periódico.

O resumo dos acontecimentos, que aqui vai, tem base no livro citado, de Epaminondas, que assim marca a luta: "Para brigar com Dutra, apareceram os quixotescos bajuladores do Dr. Gastão Senges e para marretar o Hugo, que vinha escrevendo uma série de brilhantes artigos sobre a questão de limites, postaram-se outros tantos na barricada oposta, discordando da opinião do intemorato jornalista".

Correu o boato de que se havia de espancar esses redatores e empastelar o jornal. Jacob fora adverdido dessa ameaça pelo jovem José Pilotto Sobrinho, que tinha em Hugo dos Reis um grande admirador.

Os ânimos estavam acirrados. Diga logo Epaminondas que "afinal, para vergonha de Ponta Grossa, quando o relógio estava a pique de assinalar as doze horas do dia 28 de maio de 1909, diversos figurões da política dominante, e outras pessoas que desfrutavam de alto conceito na sociedade local, cujos nomes constam da edição de "O Progresso" de 1º de junho de 1909, tendo como vanguarda uma dezena de conhecidos arruaceiros com passagem pela polícia, plantaram-se em frente da redação do modesto jornal. Um assecla, de colarinho duro e gravata, adiantou-se, sob proteção dos capangas armados até os dentes, e gritou em alto e bom som:

— "Ponta Grossa, por este seu emissário, exige a expulsão de João Dutra, da cidade!"

Hugo dos Reis foi agredido com pancada na cabeça e João Dutra conduzido à estação ferroviária e posto em vagão de 2ª classe, que aguardou a passagem do expresso que o conduziu a Itararé.

Foi pedido a João Mariano Ribas, dessa localidade, hospedasse João Dutra até uma comissão ir buscá-lo.

"No dia 29, Henrique Thielen, Eugênio Grisard, Salatiel de Paula, Alípio dos Santos Leal, Artur Guimarães de Paula e outros partiram rumo a Itararé. O regresso verificou-se no dia imediato, 30 de maio", — informa E. Holzmann.

Foi Dutra recebido com grandes manifestações populares, a acompanharem duas bandas de música, "Lira dos Campos" e "União e Recreio". As manifestações foram extensivas a Hugo dos Reis e Jacob Holzmann.

"O Progresso" continuou a sua circulação. O prelo, em parte danificado pela investida de depredação, foi reparado, e no dia 1º de junho estava na rua o jornal. Informa Epaminondas que a folha estava "agora, ostentando o novo cabeçalho

confeccionado em xilografia de João Batista de Oliveira Mello, o popularíssimo João do Padre, da Contadoria da Estrada de Ferro”.

Apareceu com o nome de “O Progresso” até 1912, quando foi constituída uma empresa, a Companhia Tipográfica Pontagrossense, unindo os acervos de “O Progresso” e “Correio dos Campos”, ao amparo de industriais e comerciantes da cidade: José Domingues Garcia, presidente; Eliseu de Campos Mello, vice; Jacob Holzmann, gerente; Hugo dos Reis, secretário, e Antonio Hoffmann, tesoureiro. No Conselho Fiscal figuravam nomes expressivos da comunidade princesina.

A 1º de janeiro de 1913 surgiu, em decorrência, o “Diário dos Campos”, ostentando o sub-título: “Ex-Progresso”, com Hugo na redação e Jacob como gerente.

Acompanhou, daí por diante, a vida da cidade, sem melhorar muito em relação à sua situação financeira. Era, entretanto, cada vez mais prestigiado e querido pela população pontagrossense, a qual, de sua atuação, muito se havia de orgulhar.

Essas duas criaturas, Jacob Holzmann e Hugo dos Reis, tinham afinidades como homens de bem que eram. Havia já recebido do povo amigo a prova de incondicional simpatia.

Holzmann era homem de empresa, probo e sempre desejoso de trabalhar pelo bem estar da comunidade.

Hugo dos Reis fazia da pobreza uma profissão de fé, e, onde houvesse possibilidade de uma iniciativa nobre, o seu espírito humanitário, de qualquer modo, estaria colaborando.

Conheci-o e, moço ainda, gostava de o visitar na redação do jornal. Ele sabia do meu passatempo de colecionador de primeiros números e gozava a minha alegria de receber de suas mãos os que do interior vinham parar em sua mesa.

“Eu tinha um aqui, mas levei para casa, — observou de certa feita, — vá lá na hora do almoço”. Tomei, nesse dia, um chá com Hugo dos Reis. Éramos duas criaturas felizes, nessa hora: O menino e o homem de fraque e gravata preta. Esse homem importante, assucarando a infusão do pirralho. Qual dos dois estaria mais feliz, naquele instante? Ao rememorar-lo, eu transporto os meus poucos leitores deste escrito às páginas do livro, muito da minha terra, das “5 histórias convergentes”, para acompanharem a biografia de Hugo Mendes de Borja Reis, escrita, com efusão de alma, por Epaminondas Holzmann.

Para Jacob Holzmann, José Cadilhe sugeriu um galardão, em 1933, “com indiscutível justiça, — afirma Valfrido Piloto, — e consubstanciado numa placa de bronze no seu jazigo: “Fundador da Imprensa de Ponta Grossa.

Valeu-lhe tal título a persistência com que lutou para que o seu periódico se constituísse um capítulo da imprensa no Paraná, de lutas, de exemplos, de vitórias na agitação empolgante dos princípios que defendeu.

Nos últimos anos da primeira década do século, bem se pode lembrar, em 1908, como representativos, “Correio do Povo”, “Estado do Paraná”, e “Commercio”, em Curitiba; de Ponta Grossa, “O Estudo”, “O Escalpello”; da Lapa, “O Rouxinol”. “Correio do Povo” era dirigido por Aldo Silva e saía “resultante do opulento desbravar de força, observado em nossa terra”, com o direito de “dissecar os acontecimentos operados”.

“Estado do Paraná” foi de Líbero Bandeira Braga, e desejava conduzir-se “independente, e com altivez e dignidade dizer o que pareça acertado”.

De Generoso Borges era “O Commercio”. Sem desejar “retumbantes sucessos”, — acentuava — “o nosso caminho será esse da justa analyse e do reflectido embate pelas causas que interessam o bem público”.

Generoso Borges no ano seguinte iria redatoriar “Diário do Paraná”, em Ponta Grossa, a já referida folha de Abraão Glasser.

“O Estudo”, de 5 de fevereiro, — tem como redatores: Orestes Westphalen, Vicente Pastiglione e Flávio Carvalho Guimarães. Colaboradores, Mariana Coelho, Cordélia Amaral, Teixeira Coelho, Vespasiano Madureira, Ricardo de Lemos, — gente que, dando brilho ao quinzenário de literatura, alcançava vôo nas lides intelectuais; gente que, naquele dia confessava, “quantas incertezas tivemos até que a realização do nosso escabroso desejo fosse uma realidade”.

Na Lapa, recreativo, literário e noticioso “O Rouxinol” aparecia com “desejos ardentes de um meio fácil de proporcionar progresso”.

Órgão do Centro Livre Pensador, foi “O Escalpello”, em 1908, surgido em Ponta Grossa, e tinha endereço certo, pois observava que o povo da cidade sabia “o que motivou a saída deste jornal”. Tratava-se de pendenga contra um padre... Redatores, C.A. Teixeira Coelho, Becker e Silva, Antonio Gomes, José Madureira Branco, Gigi Damiani, Hugo Reis, Vicente Pastiglione e Virgolino Brasil.

Em 1910, ainda em Ponta Grossa, Leocádio Cysneiros Correia tirava “Folha Rosea”, órgão literário de boa apresentação, que, em 1912, era transferido para Curitiba, com a mudança do seu diretor para a Capital.

Anunciada como órgão da Nova Cruzada, obtemperava: “Hoje, a “Folha Rósea”, que veio a lume no meio mais rudimentar de pequena cidade provinciana em que tão difícil é a manutenção de uma revista do seu gênero, passa a ser órgão da imprensa da Capital”. Frizava haver sido fundada por Leocádio Correia, Dr. Oscar de Oliveira Ramos, José M. da Costa Faria e Dr. Manoel de Oliveira Franco, e ser seu diretor proprietário o seu fundador e diretor literário Rodrigo Júnior. Leocadinho encontrava sementes já marcantes nos rumos literários da Capital.

Isso foi no início do decênio em que havia de florir o Centro de Letras do Paraná, no mesmo dia e ano do lançamento da Universidade do Paraná, a 19 de dezembro de 1912.

Em 1911, aparecera o “Fanal”, tendo à frente Oscar Martins Gomes, Manoel

Lacerda Pinto e Tasso da Silveira, figuras que vieram sendo admiradas nas lides culturais, elevando cada vez mais o nível literário paranaense, até aos dias promissores da Academia Paranaense de Letras de que se tornaram membros eminentes.

Oscar, ao anunciá-lo, disse que “Fanal” contava com um excelente número de colaboradores, todos moços dignos e estudiosos, cujos corações vibram com o entusiasmo que lhes é peculiar”.

Dario Vellozo editou, em julho de 1912, “Patria e Lar”, contando com precioso concurso de espíritos de elite, solícitos em corresponder à sinceridade de seu apelo, para que a revista cuidasse de “Ciências, Letras, Artes, Pedagogia” e mais de “Lavoura”. Era programa entusiasta.

Em 1914, uma revista de arte, “Atheneia”, que se anunciava como “um órgão dos novos”. Era Tasso da Silveira o seu diretor literário, e Aureliano da Silveira, diretor artístico. Este era mais o Sílvio, ilustrador de muitos órgãos de literatura e humorismo, a esse tempo.

Aparecem nas vinte e seis páginas do seu primeiro número, de boa composição, — é justo se acentue, — colaborações de Ernesto Barreto, Clemente Ritz, Rodrigo Junior, Rubens Amaral, Tasso da Silveira, Saturnino Luz, Lacerda Pinto, Heitor Stockler, Oscar Martins Gomes.

A despeito de serem aqueles os principais órgãos literários dos primeiros anos do decênio, merecem referência folhas noticiosas, como, em 1910, “Paraná Moderno”, de Jayme Reis e Romário Martins, “destinado a divulgar as cousas do nosso Estado e a servir ao seu progresso”, “Folha da Manhã” 1911), para ser “fiel e dedicado intérprete da opinião pública e das nossas mais legítimas e elevadas aspirações de liberdade e progresso”.

Original pelo nome indicativo da sua abrangência, “Seis Dias”, veio à luz, em outubro de 1911, dirigido por Napoleão Lopes.

Mais fogoso, com a mesma inteligência, entretanto que o seu irmão Lauro, Napoleão foi, mais tarde, vítima do seu arrebatado jornalismo, em triste epílogo que lhe tirou a vida.

“Seis Dias apenas temos, — escrevia ele, — para cumprirmos o nosso dever, qual seja o de estudar a actualidade paranaense nos diversos aspectos da sua actividade. Não podemos pois começar com os acostumados artigos de apresentação, cumprimentando colegas, saudando a sociedade e promettendo tudo fazer na defesa dos nossos sacrossantos direitos...”.

“A Noite”, tirada por Caio Machado e Raul Rodrigues Gomes, havia de se anunciar com sensacionalismo, bem ao sabor das apreghoações desses dois gigantes do jornalismo paranaense.

Do primeiro número foi tirada a segunda edição, por haver-se esgotado, rapidamente, a primeira.

"Comércio do Paraná" veio em 1912, sob a direção de Domingos Duarte Velloso e prometia propugnar pelo desenvolvimento o Estado "impulsionando o comércio, propagando suas indústrias incitando os agricultores, fugindo sempre das discussões estereis que estiolam, procurando manter sempre uma linha certa e digna, que o torne útil e agradável, não somente a essas dignas classes, como ao illustrado público de cujo favor dependerá". Este programa é o reflexo do espírito daquele ilustre jornalista, o qual se não cansava no desejo de tirar o seu jornal de sorte a poder penetrar nos lares de Curitiba, sem refletir ódio ou miseráveis atitudes representando, preferencialmente, um órgão informativo que a todos agradasse pela lealdade e civilidade.

Em 1913, "A Tribuna", de Miranda Rosa Junior, surge com a advertência de que "hoje os jornais se recomendam pelo que realmente fazem em defesa das puras doutrinas morais e dos interesses legítimos da sociedade, e não pelo que a priori pretendem cumprir".

É de lembrar que o Paraná, nesse tempo, vivia o aceso da luta em torno dos problema dos nossos limites com Santa Catarina. Isto constituia tema exuberante para a nossa imprensa. "Diário da Tarde", "Commercio do Parana", "A Republica" e "Tribuna" eram os órgãos de imprensa que discutiam essa questão. No interior, por viver mais na arena da luta, em União da Vitória, "Missões", órgão do Comitê Central de Limites, incorporou-se ao debate, dizendo que "nada mais representa senão o brado de protesto erguido por toda esta rica e futura zona de nosso Estado, contra a malsinada traficância que se pretende fazer, da mais alta justiça da nação". Juntava-se, portanto, aos que defendiam o direito do Paraná, na posse do território contestado.

"Diario da Manhã" é mais uma "folha independente, de combate". Dirigia-a Rubens Amaral e eram seus redatores: Tasso da Silveira, Abel Assumpção, Santos Júnior. O seu primeiro número é de 17 de dezembro de 1914.

No ano seguinte, Tasso da Silveira redatoriava "O Estado", órgão do Partido Republicano Conservador, e cujo diretor político era o Dr. Alencar Guimarães. Manifestava, o número inicial do periódico, preocupações mais patrióticas que de partidarismo político.

No âmbito literário, merece ainda registro a "Revista do Centro de Letras do Paraná", cuja redação estava a cargo de Domingos Nascimento, José de Santa Ritta e Silvio Schleder. O artigo inicial, firmado por Emiliano Pernetta, teve por tema os propósitos do Centro, no qual se congregava, em 1912, a elite intelectual paranaense.

Vários são os periódicos de crítica e humorismo havidos nesse tempo, e que constam do catálogo composto em paralelo com o presente trabalho.

No segundo quinquênio da década, são de relevo algumas revistas preocupadas com estudos de gabarito cultural, atendendo a especialidades.

Assim, em 1916 aparece “Revista do Espiritualismo”, “consagrado ao estudo da alma humana, sob o duplo ponto de vista da Ciência e da Moral”. É chefiada pelo Dr. Flávio Luz tendo como redator secretário Artur Lins de Vasconcelos Lopes. Seus colaboradores: Dr. Alberto Seabra, Dr. Euzebio Motta, Dr. Miguel Santiago, Prof. Dario Vellozo, Dr. Lamenha Lins, Dr. Vianna de Carvalho, Manoel Quintão, José Nogueira dos Santos, Hugo Reis Jesuino Silva.

No setor da ciência médica “Paraná Médico”, órgão da Sociedade de Medicina do Paraná, redatoriado pelos professores Dr. João Cândido Ferreira, Dr. João Evangelista Espíndola, Dr. Miguel Santiago, Dr. Leal Ferreira. O seu primeiro número era comemorativo do segundo aniversário da Sociedade.

“O Milho”, órgão do Club Regional do Milho, filiado ao Club Nacional do Milho. Outubro de 1916 era a sua data. Tinha como diretor Hegreville Hintz, e redatores José Maria de Paula e Carlos Alberto Gonçalves. O corpo de colaboradores era constituído pelos engenheiros agrônomos João Cândido Filho, Júlio Madureira Bittencourt, Mário Jelowski, David Camargo, Zdenik Grayer e mais o deputado Alfredo Heisler.

Dirigido pelo historiador Romário Martins, surgiu, em 1917, o “Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense”.

O Centro Acadêmico do Paraná, a primeira agremiação de alunos da nossa Universidade, fazia sair, em 1917, “Revista Acadêmica”, que teve como diretor: O. J. de Plácido e Silva, o aluno nº 1 da matrícula universitária. Seria um órgão onde, “à par dos trabalhos tradutores do esforço da mocidade, aparecessem os trabalhos dos mestres que vêm guiando o espírito das novas gerações, preparando-se para a luta ingente da vida”.

Como órgão dos estudantes da Escola Agrônômica do Paraná, fundada em 1918, aparece, em setembro desse ano, o “Programma”, redatoriado por Arthur Lins de Vasconcellos Lopes.

Apresentou-o, Leocádio Correia: “No pelourinho, — esquina da Rua Ébano Pereira com a rua Quinze, — de muitas coisas que se relacionavam com a vida do Gymásio Paranaense, Escola Normal e Instituto Commercial e agora também a Escola Agrônômica, ficou definitivamente assentada a idéia anteriormente por mim lançada, após magistrais preleções do professor da Cadeira de Physica, do aparecimento de uma pequena revista que servisse de archivo histórico á Escola Agrônômica que se organisa, visando ser útil ao Brasil e ao Paraná”.

O pelourinho referido por Leocádio tem hoje o nome de “boca maldita”. O Professor citado é Lysimaco Ferreira da Costa, o qual dirigiu, de início, a Escola, com entusiasmo e ardor excepcionais, a ponto de se tornar ídolo dos alunos.

A Escola Agrônômica do Paraná nascera prestigiada pela afluência de alunos seguros dos destinos da mesma, dada a seleção do corpo docente.

"Programma" dava informações, publicava lições resumindo aulas e estimulava a dedicação a assuntos rurais.

Lívio Moreira, ajudado por Ademaro Munhoz e João Alfredo Silva edita a "Revista Telegráfica do Brasil", como publicação mensal de Telegrafia, Telefonia, Radiotelegrafia e Eletricidade.

Lívio foi o precursor da telegrafia, sem fios, no Paraná. Um pioneiro magnífico.

Já no governo de Carlos Cavalcanti, sabe-se, cuidava Lívio do assunto, com Flávio Luz. É este quem informa haver o Secretário de Agricultura de então, Ernesto Luiz de Oliveira, prestigiado as pesquisas que ambos faziam sobre o referido meio de comunicação. Isto em 1913. Promoveu a ida do Presidente do Estado e mais autoridades ao edifício do Telégrafo, onde eram feitas pesquisas, e aí fez palestra sobre telegrafia. Ernesto, o sábio paranaense, como o chamou Ulisses Vieira, enalteceu, na oportunidade, o vanguardismo de Lívio Moreira, que, pela sua dedicação aos estudos de Telegrafia, mereceu uma viagem de especialização, à Alemanha.

Lívio Moreira, Fávio Luz, Fido Fontana e Euclides Requião deram estímulo à criação da primeira estação de Rádio no Paraná, a PRB2.

Ainda no terreno das ciências, vale anotar "Archivos Paranaenses de Medicina", em maio de 1920, publicação que se propunha discutir os problemas apresentados à investigação e propagar os resultados de trabalhos da Comissão de Profilaxia Rural, cumprindo, assim, o seu programa de revista de medicina experimental e de higiene, como órgão do Serviço de Profilaxia Rural. O redator chefe era o Dr. Heracledes Cesar de Souza Araujo, chefe desse Serviço no Paraná. Entre os colaboradores: Dr. João Cândido Ferreira, Dr. Luiz Osmundo Medeiros e Eng. Luiz Orsini de Castro.

No ensino médio, precisam ser registrados, como representativos do pensamento dos estudantes, "A Alvorada" (1917), tendo por ideal "excitar o civismo da mocidade"; e ainda "O Republicano", dos alunos da Escola Republicana", onde viviam alunos do Ginásio Paranaense, da Escola Normal e do Instituto Comercial e sob a orientação do Prof. Fernando Augusto Moreira recebiam aulas de repetição das disciplinas naqueles estabelecimentos ensinadas. Quintiliano Pedroso, normalista, era o diretor do periódico em que ensaiou os seus primeiros versos, já primorosos.

Na Associação Curitibana dos Empregados do Comércio, os alunos dos curso de comércio aí mantido publicaram "O Mercúrio", servindo para defender os interesses da classe comercial e "dar abrigo a quantos desejavam ensaiar os primeiros passos na literatura e no jornalismo". O seu diretor, Alcino Lima, militou posteriormente na imprensa e se tornou poeta entre os da sua geração.

Na imprensa noticiosa e política, entre outros órgãos, "Correio do Paraná", de J. Alves de Farias, se salientou. Mais combativo, "Paraná", de Meneses Dória, o conhecido e exaltado periodista dos idos da Revolução Federalista. Aparecia o seu jornal com "franca e decidida oposição ao Governo do Estado", exclamando "Humilhava a culta sociedade patricia a inexistência de um jornal independente desassombrado capaz de expor à luta meridiana a agonia em que se debate este povovelipendiado e humilhado, quando até bem pouco tempo, altivo e feliz, vivia honrado e respeitado". Saiu a 4 de setembro de 1917.

Logo depois, no dia 8, "O Momento", dirigido por Napoleão Lopes, que se anuncia franco-atirador e oferecendo luta sem tréguas aos políticos deshonestos, aos funcionários prevaricadores, a todos esses inimigos da causa pública que no reduzem à desgraça".

Tendo como redator chefe Gabriel de Quadros, em 1918, 24 de junho, surgiu "Paraná Jornal". Anunciava como colaboradores efetivos: Vicente Nascimento Júnior, Raul Rodrigues Gomes, Dicesar Plaisant, Dr. Lacerda Pinto, Dr. Antonio Loyola de Macedo, Luciano Rocha Júnior e Socrates de Quadros. Gabriel Quadros foi de combate em seu jornal, dado o seu espírito de homem liberal e inquieto. Transferindo-se, mais tarde, para S. Paulo, foi eleito vereador, enquanto seu filho Jânio se encaminhava, em corrida rápida a prefeito da Capital e governador do Estado, em cujo período de governo Gabriel morreu assassinado.

Jânio continuou sua marcha até à presidência da República.

Chega-se a 3 de fevereiro de 1919, quando Benjamin Lins lança a "Gazeta do Povo", secretariado por De Plácido e Silva. Destinava-se, essa folha, "à defesa dos interesses gerais da sociedade, a chamar a atenção de todos e de cada um para os assumptos que directa ou indirectamente, nos interessam".

Do seu programa, jamais se despegou e ainda vive, tendo recebido gradativamente, melhoramentos de primeira ordem, até se transformar em potente empresa jornalística, adotando os processos mais adiantados de impressão, no sentido de entregar ao público uma folha perfeita.

"Gazeta do Povo" foi sempre uma escola de jornalismo. Muitos moços adquiriram a prática e o hábito das lides de imprensa. Isto porque a redação do jornal tinha sempre uma mesa livre para receber o rabiscador de notícias sociais mesmo de outro caráter. As suas colunas recebiam a colaboração dos ensaístas desde os serenos tradicionais até os de novas técnicas literárias, em que se incluíam os autores da poesia futurista, estapafúrdia por vezes.

Alguns se foram incorporando ao grupo de colaboradores efetivos, tomando gosto pelo jornalismo.

Essa geração de Acir Guimarães, Jurandir Manfredini, Ernani Cartaxo, Alguimarães, Valfrido Piloto e outros, aí apurou o hábito de escrever. Na crônica social e no setor da reportagem, não foram poucos os moços que no jornal tiveram

apoio para, com seus escritos, auferirem algo de sonante, como achegas materiais de auxílio para seus estudos.

Certo dia, pedi ao Eolo de Oliveira que me contasse algo da sua vida de cronista social da "Gazeta". Respondeu-me simplesmente: "Depois que o seu irmão Raul deixou a coluna, fiquei em seu lugar, e hoje estou viciado em descobrir eventos cuja divulgação deve agradar às gentes, e isso a mim faz bem".

Na revolução de 30, foi a sacada da Gazeta, na rua Quinze, a tribuna informal, com a certeza, entretanto, de reunir o povo, à boca da noite, para ouvir discursos e receber notícias do desenrolar de acontecimentos, assenhoreando-se assim "das realidades boas ou más de sua existência", podendo, então, todos e cada um escolher a sua diretriz. Era do seu programa.

Acir Guimarães estava à frente da redação do jornal e, havia de entrar pela fase de após revolução, apanhando os tempos do governo Manoel Ribas, com que se afinizou.

Para exemplo, transcrevo tópico de um seu escrito chamado "Cavalos". Eilo: "Deixe, "seu" Ribas, que as patas atirem coices. Faz bem ao Paraná o relincho dos potros alegrando as fazendas, onde já se trabalha, de sol a sol, na construção da nossa abastança econômica. Passem os bois "ruminando bíblias pelo campo afora"; germinem nos sulcos fecundos do arado; a fumaça das chaminés das fábricas e o alarido sincronizado das máquinas, — é o Paraná que trabalha, é o Paraná de Manoel Ribas".

Topando, em 1919, com dois humorísticos, "O Bezouro", em fevereiro, e "O Ferrão", em março, lembro a saída de muitos desses periódicos com nomes bisonhos e vida curta. Merecem, entretanto, um aplauso pela vontade manifestada de fazer graça.

A União Operária do Paraná solta, em setembro de 1919, "O Proletário", que desejava ser o guarda avançado dos direitos das classes obreiras no Estado. Bezerra Leite era o seu redator.

No periodismo alemão, é desse ano "Die Zeit", referindo-se ao desaparecimento, em 1917, do "Der Beobachter", devido à entrada do Brasil na Guerra Mundial, anunciava-se o seu sucessor. Dirigia-o, Otto Uhle.

Entre os poloneses, destaque-se "Lud" em 1920, que, além do artigo de apresentação em polonês afirma, em português, que "tudo nos une, temos a mesma cultura latina, o mesmo sentimento democrático, o mesmo amor à liberdade e todas as condições para aumentar as nossas relações comerciais".

Em italiano, "La sentinella d' Itália" vinha sendo publicada desde 1917, pelo Dr. U. Pratesi.

De 1920, merecem referências como órgãos literários, "O Palladio" ³, quinzenário de Lafayette Gomes, que prometia dedicar-se exclusivamente a assuntos atinentes à literatura, ciência, arte e desenvolvimento econômico e social do Estado.

“Senhorita” apresentou-se em julho, com 16 páginas, e tinha por fim patrocinar a graça e a força “da moça encantadora e do jovem vigoroso, da milindrosa e do sportman”.

Eram Rodrigo Júnior e Heitor Stockler os seus redatores literários, e diretor artístico Mário de Barros, figuras de relevo na grei de intelectuais do tempo. J. P. Trindade, o diretor gerente.

José Pedro Trindade foi, em várias revistas tiradas no Paraná, um realizador. Era, de profissão, fotógrafo, com a grande preocupação do registro ilustrado dos acontecimentos. Nas solenidades estava sempre presente, com a sua máquina montada em tripé e com o pano preto cobrindo-lhe a cabeça e o aparelho, para a focalização. Tudo preparado, apertava, finalmente, a pera, para disparo que abria o obturador da objetiva. Se à noite, a fumaça resultante da queima de magnésio sufocava os mais próximos do local em que Trindade se instalava para o seu mister.

Para tratar de literatura, ciência e arte, com Rômulo Mesquita e J. Câmara em frente, veio a público “Atlântida”, com 20 páginas. Um quinzenário ilustrado econômico e social, saiu a 1.º de outubro de 1920, com o nome de “Nossa Terra”. Com suas 34 páginas, além de capa ilustrada, “surgiu das cogitações espirituais de Ivahy Martins, Erasto Gaertner e Milton Munhoz, “com uma dessas visões de sonhos bons que embevessem e alentam a mocidade”.

Ivahy Martins era agrônomo, filho de Romário Martins e desapareceu cedo do convívio terreno. Erasto e Milton, médicos, tornaram-se professores universitários e se projetaram na vida paranaense. Com o vigor de suas inteligências, engrandeceram os rumos da medicina em nossa terra, a que prestaram serviços à frente de comandos administrativos.

Fora de Curitiba, havia acentuado esforço na manutenção de folhas.

Antonina publicou “O Dia”, de Alípio Miranda e “O Tentamen”, de Correia Júnior e Egberto Leão.

Tibúrcio Brasil, J. Albuquerque e Pedro Novais, em 1916, soltavam o “Correio de Castro” e, logo em seguida J. Albuquerque, Trajano Toledo e Tibúrcio Brasil vinham à liça com “O Echo de Castro”. Em 1919, ainda em Castro, volta Trajano de Toledo com “A Liberdade”.

Em 1916, “A Fronteira” era o “órgão independente dedicado aos interesses da Clevelândia”. Tinha como diretor, Manoel Camargo, e lançava um protesto contra o veredicto havido na Questão de Limites Paraná-Santa Catarina.

De Entre Rios, “Vida Nova”, em 1914.

Em Guarapuava, redatoriada por Cunha Bittencourt, “A Columna”, em 1915 como “órgão do povo e para o povo”, e, depois, “A Penna” (novembro de 1916) tendo como diretor Manoel Guimarães e redator Mário de Barros. Era literário crítico e noticioso.

Ainda em Guarapuava "O Pharol", de 1919, sob a direção de A. Lustosa de Oliveira.

"O Guaratubano", a 2 de abril de 1920, em Guaratuba.

O decênio de 21 a 30.

Sem desprezar valores publicitários deste decênio, direi que ele representa, em Curitiba, a era de três diários merecedores de destaque, pelo papel que representaram como políticos, incorporando-se aos em circulação, cada um ao seu modo, analisando a vida administrativa e política do Estado e do Brasil.

A revolução de 22 deixou respaldo para uma vida de certa forma agitada que culminou com a revolução de 30. A imprensa estava, pois, no calor de definições de atitudes.

Assim, "Gazeta do Povo", "Diário da Tarde" e "República", entre outras folhas, viram aparecer, cada um ao seu tempo, outros órgãos de imprensa. Os três, da referência acima, seriam "O Dia", em 1923, "Estado do Paraná" em 1925 e "A Tarde", em 1928.

"Não temas a injustiça, o desterro, a morte, tenhas, sim, medo ao medo". Com esta expressão de rumo, buscada de Epícteto, surgiu "O Dia" a 1º de julho de 1923, propriedade de uma Empresa Editora constituída por capitalistas, entre os quais o Cel. David Carneiro. Anunciava-se "Diário ilustrado, Político, Social, Econômico e Noticioso".

E apresentava-se: "Órgão orientador da opinião, "O Dia" quer figurar ao lado dos seus colegas de imprensa como elemento de ordem, sem que por isso se sinta inibido de manifestar, com inteiro desassombro, a nítida compreensão das responsabilidades, a sua opinião sempre que repute necessário e conveniente".

Os espíritos combativos de Caio Machado e Júlio Cesar Hauer levaram o jornal a criticar e atacar os detentores do poder público. Isto fez com que se armassem processos judiciais, a que conduziram ódios pessoais, acirrando os ânimos num terreno que se preparava para uma revolução.

"O Dia" foi o primeiro periódico a instalar uma oficina própria de clichê, sob orientação técnica do profissional Tassini. Assim, no 1º número apareceu a foto de reunião havida, na noite de 30 (véspera, pois) da Associação Comercial. É bem verdade que não era possível identificar os figurantes da mesa fotografada. Foi, não obstante, um acontecimento de reportagem.

O "Estado do Paraná", de 10 de janeiro de 1925, era propriedade de uma Sociedade Anônima. Seu diretor, J. de Oliveira Franco. Diretor presidente da Empresa: L. Barbosa Ferraz. "Colaborará, prometia, com os nossos estadistas, na dissociação de elementos que possam concorrer para aquelas fatalidades históricas que a psicologia política denomina fatalidades redutíveis ou artificiais, e em tudo o

mais que venha em benefício do povo, da civilização e da grandeza da pátria". Visava a ser um órgão de perenidade. De 5 de julho de 1928 foi "A Tarde". Seus diretores: Antônio Jorge Machado Lima e Carlos Bonhomme. Em sua primeira página, a fotografia do grupo de revolucionários que, partindo do forte de Copacabana, marchava rumo ao Catete. Tal foto entrou para a história com o nome de "Os dezoito do Forte".

O jornal, mesmo sem o indicar em seu programa, defendia os princípios políticos da Aliança Nacional Libertadora, que tinha propósitos francamente revolucionários. Bem por isto, dizia o órgão: "A ação que o nosso jornal pretende desenvolver em prol do Estado e das instituições nacionais, não pode comportar limites preconcebidos porque teremos que nortear a nossa atuação, segundo os acontecimentos — por isso não definimos um programa".

Entre os não diários podem ser destacados: "A Vanguarda", de Carlos Santiago, em janeiro de 1921, que se apresenta "um jornal de moços, com desejos de bater-se pelo bem do povo, contra o obscurantismo, isso que se convencionou de chamar idéia conservadora". "Sul do Brasil", substituindo o "Álbum do Paraná", com Nascimento Júnior e J. P. Trindade, ambos já conhecidos de meus leitores. E revista de junho de 1921.

"A Verdade", "Arte e Esporte", "Sempre Viva", "Sabe Tudo", "A Cidade", "Vida Sportiva", "Fanal", "Semana Ilustrada", fazem parte da coorte de publicações do mundo social.

Entre órgãos especializados "Luz de Krotona" representa o Instituto Neo-Pythagórico e vem em 1921, substituir "Myrto e Acácia" e "Pythagoras" "prosseguindo a divulgação, mais ampla, da mesma ordem de idéias".

Na faixa pedagógica citemos: "A Escola", do Grêmio dos Professores, sob a direção de Cândido Natividade, e "O Ensino", publicação da Inspetoria Geral do Ensino.

A Sociedade Odontológica do Paraná fez sair "A Odontologia no Paraná" tendo como diretor o Prof. Guido Straube, grande nome do magistério universitário. No setor dos negócios, destacam-se "Paraná Econômico e Financeiro", sob a direção de Caio Machado, e, de Domingos Duarte Velloso e Décio Bastos Coimbra, a "Revista de Informações Comerciais", tirada em janeiro de 1924.

Os universitários estiveram bem representados no decênio. "Revista de Engenharia", é dos acadêmicos de engenharia, em outubro de 1923, prometendo uma "feição exclusivamente científica". Seus redatores chefe e secretário, respectivamente, José Valério e Altamirano Nunes Pereira. O grupo mantenedor se constituía de Oswaldo Lacerda, Ernesto Luiz de Oliveira Júnior, Algacir M. Mader, Angelo Lopes, Arnaldo Isidoro Beckert, Agnelo Ribeiro, Admar de Oliveira Cruz, Oswaldo Pilotto, Bento Munhoz da Rocha Netto, Américo Caldeira Goerresen.

Scientia et Labor, de janeiro de 1927, foi órgão dos acadêmicos de direito, e tinha o seguinte comando: Diretores: Gaspar Duarte Vellozo, Clóvis Beviláqua Sobrinho; gerente, Augusto Guimarães Cortes. Saiu jogando "Cartel de luta ao som mágico de duas palavras maravilhosas: Mocidade! Estudo!".

Já em junho de 1927, outra folha, órgão do Centro Acadêmico de Direito, veio à luz. Era "Gazeta Acadêmica". Gaspar Vellozo o seu diretor, e redator chefe, Sátilas do Amaral. Na gerência, João Grabski. Fundou-se esse periódico porque a mocidade acadêmica "quis, por um órgão oficial, exteriorizar de um modo mais concreto as suas manifestações".

Vem depois, "em frêmito de entusiasmo e de fé", "A Fanfarra", que se faz órgão dos universitários do Paraná, sob a orientação do Prof. Octávio da Silveira, e conduzida por Dermeval Gomes, diretor; Ary Dória, redator, e secretário, Adolpho Flaks. É de 1930, junho, "Jornal Acadêmico" órgão oficial do Centro Acadêmico "Nilo Cairo", da Faculdade de Medicina. Seu diretor João Alfredo Silva. Da redação: Renato P. Braga e J. Mattos Barreto.

O Centro Acadêmico de Agronomia, aos 30 de junho do mesmo ano de 1930, publicou "Revista de Agronomia", tendo como diretor V. L. Werneck, redator-chefe Annibal Wirmond Júnior, redator-secretário Manoel L. Rosa e gerente Nelson Maravalhas. Justificava o aparecimento, a determinação do estatuto do Centro, de um órgão para "difundir e debater assuntos que se prendem ao desenvolvimento do ensino e dos conhecimentos da matéria do curso de engenheiros agrônomos".

"Ilustração Paranaense" e "Prata de Casa"

São de relevo, em 1927, estas revistas. "Ilustração Paranaense", de João Batista Groff, colaborada por intelectuais e artistas do Paraná, foi uma revista de paranismo. Bela composição de João Turim constituiu a capa, que se repetia na seqüência dos seus preciosos números. É uma figura humanas estilizada, cujos braços abertos e cabeleira completam a copa de um pinheiro, e, em perspectiva, exemplares da árvore símbolo do Paraná.

Na primeira página, ramos da copada de pinheiro, em arranjo de Arthur Nísio, encimando um tema paranista escrito por Alfredo Romário Martins.

Trabalhos de Andersen, Lange de Morretes e outros artistas nossos, bem como calabração dos nossos escritores, enriqueceram os números dessa caprichada revista.

Groff, quando se sentiu próximo da morte, confiou à Biblioteca Pública do Paraná a coleção que guardara para si. Era eu diretor dessa casa de cultura e dei solenidade ao ato de entrega, homenageando, assim, esse editor, artista da fotografia e amigo das artes, no Paraná.

"Prata de Casa" apareceu patrocinada pelo Casino Coritibano e mais tarde foi

órgão do Clube Curitibano. Em outra fase ficou sob os cuidados do Liceu Rio Branco sob a direção de Anibal Carneiro.

Leocádio Cysneiros Correia, seu fundador, fez da revista um escrínio de preciosidades da nossa literatura, nos moldes de sua preocupação com o que de bom o Paraná podia apresentar, bem marcado nestes primeiros versos da apresentação dessa argêntea folha:

*"Prata de Casa é este céu,
Esta sala, nosso povo,
Tudo quanto aqui nascer,
Sangue antigo e sangue novo!
Declamar tanta grandeza
Deve ser o nosso fim.
Uma revista! Oh! beleza!
Nem sei de outra idéia assim".*

Outros periódicos estão catalogados, deste final da era dos vinte.

Como que anunciando um futuro promissor para o nosso Estado, trago dois sugestivos títulos de revistas, ambas de julho de 1928: "Boas Estradas", da Associação Paranaense de Boas Estradas, e "Semeia Semeador", do Departamento de Agricultura e de redação do sempre presente às realizações paranistas, Romário Martins.

No Interior

De Ponta Grossa, sejam ressaltados alguns dos muitos periódicos do decênio.

Órgãos noticiosos: "A Tribuna" (1921), de Silva Pereira e Paulo Nogueira pretendia proporcionar o máximo carinho à seção operária, pois nascia, "para viver entre os humildes".

Tito Marçal apresenta, em outubro de 1922, o semanário "Pontagrossense" pretendendo auscultar a opinião pública "em todas as questões a discutir".

Em 1923, a 22 de julho, põe à rua "A Cidade", José Cadilhe, que muito militou na imprensa princesina, fazendo-se, pela sua inteligência e combatividade, figurar proeminente como jornalista.

Anunciava a sua folha como sendo "política, social e noticiosa". Proclamou, de foro íntimo na apresentação: "Velha aspiração da minha vida a de ter um jornal meu por mim norteado, onde pudesse vasar idéias minhas, conceitos meus, sem barreira erguidas por determinadas conveniências particulares". Em oito anos de labuta na imprensa faltara-lhe a independência. Por isso, nunca tivera antes o "ditoso ensejo de erguer o lábaro da imparcialidade, e no guante férreo da crítica empunhar a férula da razão". Agora, sentia-se livre "na comburência das lutas".

Hugo dos Reis, 1º de maio de 1924, publicou o número inicial de "Commercio", órgão das classes produtoras do Paraná. "Vamos envelhecendo, filosofava na sua apresentação, — com esta fé magnífica, a certeza da regeneração".

futura". O brilhante jornalista devia estar sentindo satisfação em dirigir um órgão que se dispunha a "defender a riqueza pública".

Esteve sempre a serviço da comunidade, cujos problemas sofria.

Mais órgãos noticiosos: "Folha Nova" de 14 de fevereiro de 1929, sob a direção de Silva Pereira. "Tribuna Liberal" (10 de dezembro do mesmo ano), sob a direção de Venino Pombo, inteligência que esteve sempre a serviço do bem comum; espírito comunicativo, dedicado aos de sua convivência, sabia ser amigo compreensivo e cavalheiro. Perdeu a vida assassinado por motivo fútil.

Seja ainda mencionada "Folha do Povo", de 1930, tendo por diretor Alberto Lopes. Era publicada às quartas e aos sábados, à tarde.

Entre os órgãos literários destacam-se:

Em 1924, "Semanário dos Campos", de Nestor Erichsen e Adejaniro Cardon, os quais, preocupados com a vida cultural da mocidade, se punham à sua disposição para dar largas às inteligências aureoladas pela esperança de dias futuros.

"Princesa dos Campos", também com Adejaniro Cardon à frente, aparece a 1.º de abril de 1928, com programa de notícias, literatura e civismo.

Como órgão doutrinário é de lembrar "Revista Social do Espiritismo", que vem sob a responsabilidade de Hugo Borja Reis, várias vezes com seu nome marcado nestas notas, pela sua paixão jornalística.

Em Paranaguá são do decênio, "A Semana", "convencida de que vem prestar benefícios à sua terra", surge em 1924, aos domingos, sob a direção de A. H. David. "O Echo", folha humorística e noticiosa. Seus redatores, D. Marques Júnior e Ascânio Borges, em 1925, desejavam com ele "combater a tristeza".

De 1927, 3 de agosto, é "A Página", de Marques Júnior, anunciando-a "sem peias, sem amigos políticos, animada a bater-se pelo progresso do nosso Estado e mais particularmente pelo nosso pequeno torrão".

Ainda em 1927, para ser "uma folha de otimistas que escrevem mesmo para os pessimistas", "O Pharol", de Leo Lins.

A 19 de setembro de 1928 vem à liça, "num momento histórico em que a nossa querida Pátria se estorce e se convulsiona no pôtro dos seus sofrimentos, dos seus levantes armados", "A Luta", dirigida por J. C. Pereira Neves, com a característica de "diário imparcial".

"Santuarium", neste fim de período, é a revista católica, órgão do Santuário de N. Senhora do Rocio. P. Adamo promete assuntos espirituais e de pedagogia, bem como a publicação das graças recebidas de Nossa Senhora do Rocio.

São de Antonina, "Jornal Agrícola", "O Pequeno" e "O Município", neste período dos anos vinte. O primeiro é de Tiago Peixoto, Egberto Leão e Manoel Alves Siqueira, e havia de cuidar "dos interesses regionais da agricultura, indústria e comércio". O segundo, "literário noticioso e crítico", tinha à frente E. A. de Oliveira e Tufy P. Nicolau, e "O Município", como "semanário imparcial".

redatoriado por Nascimento Júnior e de propriedade de R. J. C. de Oliveira, seria o órgão destinado “única e exclusivamente à propaganda e defesa dos interesses da terra antoninense”.

Também na orla marítima, “O Banhista” da Ilha do Mel”, que apregoa realizar “uma conquista única no jornalismo indígena: nasce já sendo a folha de maior prestígio e de maior circulação no seu meio ambiente — Ilha do Mel — e adjacências líquidas”.

Agora, no interior, em ordem alfabética, um passeio pelas localidades ainda não mencionadas nestas notas. É para apontar mais algumas folhas paranaenses de prolífero decênio dos anos vinte.

“Brazópolis” traz o nome do seu berço. É de 1929 e deseja ser independente.

De Cambará, são anotados “O Cambará”, de Daniel Cândido Tupi, e “A Renascença”, dirigido pelo Dr. A. da Silva Santos. O primeiro de 1927 e o outro saído em novembro de 1930 e desejou “com a revolução vitorioso, participar da realização liberal, evitando a neutralidade que não resolve”.

“O Campo Largo”, editado na cidade do seu nome, em 1928, por Olegário de Almeida, como “órgão despretensioso, cuja finalidade é trabalhar só e exclusivamente com a religiosa operosidade pelo progresso campolarguense”.

Em Carlópolis, “A Voz do Norte”, com seu primeiro número a 30 de abril de 1922. Seu diretor, Durval D. Ribeiro.

Castro apresenta nesse lapso de tempo:

“A Verdade”, a 28 de fevereiro de 1922, com o objetivo de propaganda das candidaturas Arthur Bernardes e Urbano Santos. O semanário “O Liberal”, de M. Camargo; “Odeon Jornal”, propaganda da empresa de cinema local; “O Amigo da Verdade”, folha católica do padre João Lona, em março de 1926; em 1927, o órgão crítico e noticioso “O Mistério”, das Igrejas Presbiterianas de Sengés e Castro, em 1928, “O Testemunho”, sendo A. Mafra o responsável pela publicação.

Colônia Mineira. Em 1928, foi aí publicada “A Gazeta”, de propriedade de A. Machado Nóbrega, tendo como redatores: Dr. Archimedes Gomes e Dr. Lauro Figueiredo. O seu “itinerário nas sendas do jornalismo — diziam — outros rumos não terá senão os de uma reta traçada entre a moral e a justiça, pois nada mais útil às nações no dizer adamantino do grande mallogrado (sic) apóstolo de Haya, do que a imprensa na lisura de sua missão”.

“A Folha do Norte” foi outro órgão dessa cidade, em 1928, e era dirigido por Reinaldo Ayres Pereira.

E mais, “O Jornal”, em 1930, que, embora o seu nome devesse caracterizar, a rigor, a saída diária, era semanário. Sua administração: Gerente proprietário, J. L. Pinheiro; redator, A. Pereira. Em sua apresentação estava escrito: “Na lisura de nossa missão, só teremos uma linha, — a reta traçada entre a moral e a razão”.

Guarapuava. Aí, já no início do período, “Alvorada”, literário e crítico.

Redatores, Antônio Lustosa e Oliveira e Benjaminn Teixeira. Seu diretor literário, Antônio Tupy Pinheiro, que exercia as funções de diretor do Grupo Escolar "Visconde de Guarapuava" e fez sair, em 1923, consagrado à infância, "Infantil Jornal", logo mais, transformado em "Revista Infantil", em que colaboraram alunos e professores. Esse ilustre professor, também violinista de grandes dotes, teve sua vida toda dedicada ao magistério, encerrando sua carreira nas funções de Delegado de Ensino.

Vem, em seguida, "O Cruzeiro", dirigido por Horácio Bastos, o qual contava com a colaboração, como redatores, de Epaminondas Camargo e Anacleto Carli. O primeiro número desse órgão literário, crítico e noticioso", é de 2 de dezembro de 1923.

Em 1924, tendo como gerente Anacleto Carli, e sob a direção de Lustosa de Oliveira, era posto à luz "O Momento", que aparecia nessa "decantada Terra do Guayra, com o intuito único de servir de porta voz a uma população de quase cinquenta mil habitantes".

Depois é Antônio Lustosa de Oliveira que se repete, em outubro de 1928, como proprietário de "Correio do Oeste", ajudado na redação por Cunha Bittencourt e tendo como gerente Benjaminn Teixeira. Era a mesma gente de "O Pharol", antes publicado. Aliás, vem isto declarado na apresentação: "Será o "Pharol" com outra roupagem".

Já em 1929, os escoteiros de Guarapuava apresentavam "Alerta!", o seu órgão de imprensa, dirigido por Amarylio Rezende Oliveira, outro professor ilustre desses pagos, que relevantes serviços prestou à "terra de horizontes largos e nobres tradições".

Prometendo ser "uma gargalhada "sadia", "O Arauto", é literário, crítico, humorista e esportivo, e de junho de 1929, sob a direção de Benjamim Teixeira. No mesmo ano, a 5 de novembro, sob a direção de Paulo Demário, aparece "O Liberal", "órgão da consciência livre de Guarapuava", asseverando que "nesta hora máxima de civismo, personifica, em traços largos o movimento político da Aliança Liberal, em Guarapuava".

Irati. — "A Semana", "semanário noticioso, de maior circulação no interior do Estado", anuncia o seu proprietário, Zeferino Salles Bittencourt. Em 1924 está já no seu segundo ano de circulação.

De humorismo é "O Alerta", em Janeiro de 1923.

"Iraty — Jornal", semanário de 18 de novembro de 1928. Seu proprietário, João C. Souza Peres, diretor e redator chefe, Philomeno A. Pinho. Vem com "um elevado ideal de justiça e vontade desassombrada de pugnar pela causa pública".

Em 1930 é "O Sul" o "semanário político e noticioso" que tem por diretor Luiz Risental.

Ainda em 1930, "O Republicano" como órgão do Bloco República — no Iratiense. Tem por diretores, Arion Vasconcellos e Caetano Zarpellon, e defende as candidaturas de Júlio Prestes e Vital Soares.

Em Jacarezinho. — Depois de “O Pau Bate” e “Não Pito”, órgãos críticos, vem “Paraná Jornal”, noticioso e independente, dirigido, em 1926, por F. de Assis Braga.

De Jaguariáiva são “A Luta”, de novembro de 1927, tendo como diretor Adauto Ferreira, e “A Cidade”, de 22 de setembro de 1919, “independente e consagrado aos interesses locais”.

São de Pirahy, “O Século” e “Alvorada”, o primeiro de propriedade de Martins Falavinha e o segundo dirigido por Eurico de Araújo.

Em Prudentópolis são publicados, em 1922, “O Prelo”, do Dr. João Fleury de Rocha, e que se anuncia “o primeiro jornal impresso em português que vê a luz em Prudentópolis” (antes fora publicado “Pracia”, em língua ucraniana) e “O Município” de Romeu Túlio, publicado quinzenalmente.

Quatiguá teve, em 1929, o seu semanário “A Voz do Povo”, tirado pelo prof. A. Vasco Candotta.

Rio Negro, além dos pequenos periódicos literários, de crítica e humorismo, “O Batuta” (carnavalesco), “O Cavador”, “O Cometa” e “A Thesoura”, apresenta “O Rio Negrense”, “órgão de indústria, comércio e lavoura”, tendo por diretor C. de Alencar Monteiro, e como proprietário Abílio Santos, Ernesto Sabóia e João N. Madeira são redatores de “O Imparcial”, de propriedade de Oscar Finke. Ainda desta Cidade, “O Alvorada”, escolar, sob a orientação do Prof. Antônio Tupy Pinheiro já conhecido em virtude dos periódicos escolares de Guarapuava.

São de Santo Antônio da Platina “O Platinense”, de Argemiro Monteiro, “O Progresso”, do prof. João da Cruz Leite, e “Correio do Norte”, de Antônio Bernardes e Dr. Ary Taborda, além de os órgãos humorísticos “O Batuta”, “A Senhorita” e “Flirt”.

São Mateus (hoje do Sul) é brindado em 1930 com “O Iguassú”, redatoriado por Paulino Távora.

É de Sengês, “O Clarim”. “O Thomazinense” representa, em 1926, os interesses de Thomazina. Finalmente, União da Vitória aparece, no decênio 20, com “O Clarão”, de Alcebíades Cabral, “O Iguassú”, de Carlos Seixas Saldanha, “O Lavrador Ukraniano”, de Pedro Karmanski, “O Paraná”, de Afonso G. Correia e Romeu Balster e “O Município”, cujo diretor foi o Dr. Rivadávia Amazonas, tendo como redator Dídio Augusto.

O ano da Revolução

A revolução de outubro de 1930 havia de modificar o rumo da imprensa no Paraná, pelo menos no sentido de uma unilateralidade do pensamento político livremente expresso.

“A República”, em Curitiba o único órgão que ostensivamente defendia a corrente política deposta pela reviravolta, estava com suas portas fechadas. Parece que o pensamento, com o impacto foi o de que nem a história iria dela se servir. A precios

coleção dos seus exemplares acumulados até o dia 5 daquele mês, foi vendida, não se sabe por quem, para embrulhar a carne nos açougues, ou gêneros nos armazéns de secos e molhados. É de observar não havia, a esse tempo, restrições quanto ao uso de papel de jornal para tais fins.

O próprio "Diário Oficial" suspendeu as suas funções de publicador dos atos do governo. Ao ser reiniciada a publicação, apareceu a 14 de outubro, ostentando renovada numeração, isto é, a. 1, nº 1, desprezada mais tarde para se reajustar à antiga seqüência.

Nesse primeiro número, anunciava "Nova Era", em editorial na primeira página, observando de início: "A sinceridade republicana dos constituintes, que reorganizaram o país depois da revolução de 1889 e emolduraram a formosa carta política de 24 de Fevereiro de 1891, foi inteiramente esquecida pelos políticos profissionais que nos últimos annos conspiraram o regime e seqüestraram os direitos do povo".

Referindo-se aos movimentos de 1922 e 1924 como "gritos de alarma da nação aprehensiva", teceu considerações em torno da criação da "Aliança Liberal, com Minas Gerais à frente, contando com o apoio decidido e poderoso do Rio Grande do Sul e Parahyba do Norte".

Depois de referir fatos que haviam de terminar com a revolução, acentuou que "a Nação, cansada de sofrer, oprimida e faminta, levantou-se nesse movimento admirável que avassalou todas as consciências e derruiu a antiga ordem de cousas". Era a palavra oficial que, ao fim, observava: "A normalidade há de voltar em breve, e, logo que o povo reentre em seus direitos, o domínio da lei se encarregará de restaurar a paz dos espíritos e conduzir o povo à verdadeira felicidade".

Em crônica na "Gazeta do Povo", Jurandir Manfredini, no aceso dos preliminares dias de pós-revolução, teve a coragem de focalizar atitudes do então Chefe de Polícia. Muita gente esperava para o moço um castigo. Entretanto, ele foi procurado pelo Chefe da Revolução para um diálogo no sentido de que entendesse as circunstâncias do momento.

Grande figura essa de Plínio Tourinho, que, com o direito de ter a sua espada desembainhada, na hora crucial para a revolução e para o destino da sua vida de revoltado contra o poder que estava ajudando a derrubar, guardava esse instrumento de guerra, para agir como homem criterioso, curtindo a responsabilidade de uma situação. Grande figura essa!

De 1931 a 1935

No quinquênio, em ordem cronológica, sejam apontados os periódicos acenadores para os princípios da nova era esperada.

"O Combate", de Guarapuava, a 4 de janeiro de 1931, editado por Nestor Ericksen e Amarílio Resende de Oliveira, tem seu artigo de fundo, "A Reconstrução

Nacional", marcando programa entre cujos itens promete "trabalhar pelo restabelecimento do regime republicano, pelos direitos da classe operária e pela educação integral do povo". Assim, desejavam "nunca se resignar. Morrer ou chegar aos seus fins".

"Tribuna do Paraná" é de Curitiba, em 5 de janeiro. Seu diretor, Raul Péricles F. Castro Neves e Olavo Bório completavam o corpo de comando como secretário-gerente, respectivamente. Raul Péricles era dominado pelo espírito da revolução; não permitia a menosprezassem. Seria o mesmo que "desfazer das atitudes de um galo de briga".

"A revolução não foi feita por classes ou partidos. Fê-la o povo do Brasil". Estas palavras de Juarez Távora faziam destaque no artigo de apresentação, sob o título "A nossas diretrizes". Propunha-se o periódico a lutas em prol "dos verdadeiros ideais da revolução em marcha, liberto de qualquer espírito de personalismo e propugnando a solução dos grandes problemas vitais do Estado e da República". Nesse diário, convite especial, o famoso parapsicólogo, quirólogo e vidente, prof. Onig Chacaria Sana — Kan, publicou numerosos artigos sociológicos, moralizadores e filosóficos. Residia, ele, a esse tempo em Curitiba. Predissera, no Rio, com muita antecedência, ao próprio Getúlio, a vitória deste na revolução de 30, e, depois, nesta capital, diante de Getúlio e Plínio Tourinho, a data exata da queda de Washington Luiz.

A 3 de fevereiro, era "Correio do Paraná", que surgia propondo-se observar, entre outros itens, o de que "a Revolução venceu para fazer justiça e não vinganças". O diretor Aluizio de Azevedo Marques, que era também chefe de escotismo, queria que a Pátria fosse, "para todos os brasileiros, a generosa mãe comum".

"A Flamma", que se anunciava como órgão das classes trabalhadoras, a 3 de outubro (1º aniversário da arrancada outubrina), vem à luz "crepitante, quente e vermelha, justamente quando a revolução brasileira entra em sua nova fase de desdobramento, após um ano de preparação paciente para retornar seu curso necessário". Seus redatores: Carvalho Leal, Nerval Silva, Petrarcha Callado, Miranda Reis. Dentre estes, Nerval Silva se caracterizava o mais autêntico condutor proletário. O mais gritador jornalista seria Petrarcha Callado, que, a 8 de abril de 1932, reapareceu redator do "órgão da revolução" "3 de outubro", cuja fundação fora idealizada "naquela mesma forja onde se esbateram as lanças que em primeiro lugar abriram brechas nas fileiras do reacionarismo". Parece não ser preciso dizer que Petrarcha era gaúcho.

A 9 do mesmo mês de abril, é "Correio do Paraná" que surge, fundado por Djalma Lopes, diretor político e Adherbal Stresser diretor gerente, como órgão do Partido Liberal Paranaense e que "pugnaria pela organização legal da Revolução".

"A Esquerda", diário vespertino, político, social e noticioso, vem à luz em Ponta Grossa, a 15 de agosto de 1932, para batalhar "sempre ao lado do povo, tanto nas horas de paz como nas horas de guerra". Diretor, Ribas Silveira, redator chefe Nestor

Ericksen.

Em Curitiba, apelando para os princípios de ação política, social e cultural, D'Almeida Víctor e A. Vaz da Silva fazem sair, a 27 de maio de 1935, "Estado do Paraná"; e informam que lhes deu a compreensão da necessidade da fundação de um jornal, "a falta de uma tribuna livre, sem escravização dos apadrinhamentos e das gorjetas e sem o acovardamento ante as caretas dos poderosos".

Estão aí apontados alguns periódicos que pretendiam interpretar o espírito da revolução em marcha. Alheio a tal objetivo já em 1931, a 8 de setembro, veio à luz um diário que merece especial destaque, pelo destino que se atribuía, como folha para a família, e anunciando-se de fé cristã a serviço do bem. É o "Cruzeiro", com o patrocínio da Legião Paranaense de Boa Imprensa. Não se sabe bem por que, um dos seus mentores, ilustre sacerdote, sofreu campanha de baixo nível, que o fez afastar-se de Curitiba, onde se havia radicado e prestado colaboração inteligente a entidades religiosas e culturais. Era o Pedre Miele, um dos principais fundadores do Círculo de Estudos "Bandeirantes". Desapareceu, com a sua ausência, esse ótimo periódico, cujos números editados constituem preciosa coleção.

Nas correntes de ideologia política, ressaltemos "Meu Jornal", da Ação Socialista, e dois periódicos integralistas, propagando o movimento criado por Plínio Salgado: "O Integralista" e "Razão".

Entre as folhas acadêmicas, têm destaque, "Universitário", "Folha Acadêmica", "Ciências e Letras" e "Química", órgãos de diversificados setores de estudantes de nível superior.

"Universitário", "obedecendo ao ideal de congregar e revelar os inúmeros valores estudantis" era empreendimento de Ulysses de Campos, O. Emboaba e Pedro Wojciechoeski. Ulysses de Campos teve atuação destacada como acadêmico de Direito e, mais tarde, como um dos fundadores, professor e diretor, por largo tempo, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Paraná. Em 1935, os alunos do 1º ano jurídico, publicaram "Ciências e Letras", para ser a folha aberta à colaboração dos acadêmicos de todos os cursos da Universidade. A direção era de Odilon Coimbra, Miguel de Oliveira e Lauro Schleder, e a gerência, de Nilton Bühner, figuras mais tarde exponenciais na vida cultural paranaense.

"A Química", também de 1935, foi o órgão oficial dos alunos do Instituto de Química. Seu diretor, Omar Carta, propunha-se a defender os "lídimos interesses da classe".

Órgãos de caráter científico e cultural.

Valem referências especiais os periódicos editados por entidades de ciência e cultura, nesta fase da imprensa.

Assim, sejam registrados: Órgão da Sociedade Médica dos Hospitais do Paraná, "Revista Médica do Paraná". Seu diretor, Dr. Milton Munhoz. É de fins de 1931.

Comissão de Redação: Doutores Mário Braga de Abreu, José Loureiro Fernandes e Cesar Pernetta. Foi repositório de alto gabarito, apresentando trabalhos representativos do esforço dos profissionais da medicina, os quais, com suas contribuições valiosas vinham enriquecendo o acervo de conhecimentos, em suas especialidades.

A Associação de Agrônomos e Médicos Veterinários do Paraná teve, em 1932, o seu "Boletim", sob a orientação de Altahir de Barros, Arlindo Loyola de Camargo e Achilles Gaertner.

No intuito de divulgação filosófica, o Instituto Neo Pitagórico, em maio de 1931, lança o primeiro número da revista "A Lâmpada", que vem sendo publicada sem datas estabelecidas, porém, de modo persistente. Fundou-a, Dario Vellozo, muitas vezes lembrado nesta resenha histórica, pela sua profícua colaboração na obra cultural em nossa terra. "Lâmpada" é, no estilo de Dario, sempre voltada para o alto "Símbolo da luz, do conhecimento, a senda; o caminho dos postulantes à verdade. Aparece na cumieira das montanhas, guia de peregrinos".

A esse tempo, em Paranaguá, saía, com caráter científico e de história regional, o órgão do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, dispondo da seguinte Comissão Redatora: Nascimento Júnior, incansável periodista do litoral, e mais Bernardino Pereira Netto e João Salvador dos Santos.

No mesmo ano de 1932, a 6 de junho em Ponta Grossa, era editada "A Associação" voz da Associação de Lavoura Indústria e Comércio de Ponta Grossa. Seu diretor: Antônio Bacila. "Revista Brasileira de Pediatria" é de fevereiro de 1933, dirigida pelo Prof. Dr. Cesar Pernetta, o qual sempre empregou todos os seus esforços pelo bem da medicina pediátrica, tornando-se conhecido em todo o Brasil.

Para a divulgação de conhecimentos aplicados ao ramo da engenharia, o Instituto de Engenharia do Paraná fez publicar, em julho de 1933, o seu "Boletim", que foi dirigido pelo próprio presidente da entidade, Eng. Flávio Suplicy de Lacerda paranaense ilustre, integrado no ensino superior e que honrou a Universidade do Paraná como seu Reitor, e chegou a ocupar as altas funções de Ministro da Educação e Cultura.

É de setembro de 1934 a "Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes". Sua Comissão de Redação: Alfredo Romário Martins, Arthur Martins Franco, José Loureiro Fernandes. Cumpria essa revista a sua missão de ser "repositório de estudos especialmente paranaenses". Em artigo de apresentação, firmado por Loureiro Fernandes e José Farani Mansur Guérios, há esta explicação: "São suas páginas destinadas não só a estudos científicos, históricos e literários contemporâneos, como também à reprodução de valiosos trabalhos antigos e documentos referentes ao Paraná". Havia de se tornar "um meio eficiente ao intercâmbio cultural do Círculo de Estudos, com os diversos núcleos intelectuais e instituições oficiais do País".

Representação de colônias estrangeiras.

A serviço da colônia alemã, "Paraná Post", em 1932, saía dirigido por Ernesto Müller. No mesmo ano, reiniciava sua publicação, „die Zeit", anunciando-se em nova fase, 8º ano.

De Ponta Grossa, todos saídos em 1933, "Deutsches Leben", dirigido por Pfarrer Friedrich e Wilhelm Brepohl. Este que dirigiu, também a "Deutsches Volksblatt". "Volksbote" foi o periódico, nesse ano, do Pastor Fugmann.

Em polonês, de 1933 e 1935, respectivamente, sai: "Clos Paranski" e "Junak".

"Libano", de Abid Abumussi, embora redigido em português, fazia propaganda da "terra dos milenares e tradicionais cedros do Libano".

"Correio Português veio à luz para "trazer os portugueses ao par dos acontecimentos que se vão desenrolando na Pátria".

"Southern Cross" era um jornal em língua inglesa, que Modoaldo Nogueira fez sair, para prática de seus alunos.

No Interior.

Foram vários os periódicos editados durante o quinquênio, em localidades do interior.

Sejam enumerados: "Alvorada", em Campo Largo; "Castro-Jornal"; "O Independente", em Antonina; de Cambará, "Gazeta do Norte"; a "Voz de Sengês"; Legionário, de Rio Negro; "Eco Morretense"; "O Jaguariaíva"; Tibagi-Jornal"; Comarca de Jataí; "A Vanguarda", de Ribeirão Claro; "Guaratuba Jornal"; "O Palmense"; "Norte"; de Jacarezinho; "Voz do Norte", de Joaquim Távora, e outros mais, completaram o grande número de vozes lançadas aos céus do Paraná, anunciando a prosperidade das várias regiões do nosso rincão.

O catálogo que venho elaborando em paralelo, com esta resenha histórica, especifica todas as folhas registradas, desde as que tratam de interesses gerais de cada região, até os literários, esportivos, humorísticos e estudantis.

De 1936 a 1940

No quinquênio terminado em 1940, mais que no anterior, a política de pós — revolução influía na vida jornalística paranaense, impedindo, por circunstâncias ocasionais, o aparecimento fácil de novas folhas.

O ano de 1935 fora tumultuoso no frito da política. Em março, Luís Carlos Prestes assumiria a presidência da Aliança Nacional Libertadora e, em junho, Getúlio Vargas dissolveu essa agremiação, estendendo vigilância a organizações de conteúdo político. A consequência foi uma reação em Natal, no mês de novembro. O movimento esboçado se apelidou de "Revolução da Aliança Nacional Libertadora". A 26 desse

mês, Getúlio pede o estado de sítio. No 3º Reg. de Infantaria, Praia Vermelha, e Escola de Aviação do Campo dos Afonsos, o estúpido de revoltas se manifesta. Em dezembro é decretado o estado de guerra. É uma situação anormal, em plena desdobramento.

Em 1936, a 16 de janeiro, é preso o presidente do Partido Comunista Brasileiro Adalberto Andrade Fernandes, e a 29 tem a mesma sorte Luís Carlos Prestes. Mais prisões são feitas daí por diante.

Não era portanto, possível a sustentação de uma imprensa alimentada por doutrinação política. Acentuou-se o desestímulo com a criação, no mesmo ano, em agosto, do Tribunal de Segurança Nacional. Outros setores, que não o político, dariam margem ao jornalismo. Ainda bem.

Em Curitiba, são catalogados, em 1936, entre outros órgãos: "Trabalho" doutrinário independente, para defesa do operariado. Seu diretor, Elbe Pospissil, líder proletário, o qual sabia tratar os problemas das classes trabalhadores com a necessária serenidade, determinada, aliás, pelo momento.

"A Economia", versava assuntos de interesse da Caixa Econômica do Paraná era dirigida por De Plácido e Silva e Othelo Lopes. Dizia-se "de ensino financeiro fomento econômico" desse estabelecimento, dada a preocupação com a cultura do pessoal, prometendo: "Ser o órgão exibidor do esforço e dedicação de todos quantos se empenham pela sua grandeza".

"Monitor Commercial" era uma "revista mensal de Indústria, Comércio e Finanças", órgão oficial da Associação Comercial do Paraná. Seu diretor, F. de Souza Pinto. "Revista Agrícola do Paraná", ainda em 1936, outubro, tinha por diretores Marcos Augusto Enriette e Sandoval Ribeiro Ribas, que diziam: "Alunos das Escolas Agrônoma do Paraná e Superior de Medicina Veterinária, temos na presente publicação uma oportunidade de emprestar o nosso concurso em prol do desenvolvimento agro-pecuário deste Estado e da Nação".

Não houve, a bem dizer, uma manifestação ostensiva de folha política. O órgão que apareceu a 1º de outubro de 1936, "O Estado", vinha com a justificativa de que "o maior mal da sociedade paranaense, nesta hora sobressaltada de seus vagos destinos é a ausência de uma segura orientação política e intelectual, principalmente de caráter doutrinário, como obra didática de difusão educativa de princípios e normas partidárias superiores". Dirigiam o jornal, Gumy Júnior e Romário Fernandes da Silva, este radicado aqui, no bafejo da revolução de 30, e Gumy, de serviços prestados no ramo educacional, professor dedicado que fora no interior paranaense e entrando no picadeiro político, em rumo novo da sua vida, para logo mais colaborar francamente no organismo político-administrativo do Estado.

Contavam com o pendor jornalístico de José Augusto Gumy, irmão do diretor, o qual, pela sua inteligência, cumpria na folha a promessa de "coordenação e disciplina política e social". Morreu octogenário, em 1970, e fez jornalismo até o fim. "Viver

jornal, — diz Ayrton L. Baptista, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Ele era a própria imagem da luta pela liberdade de expressão no Paraná”.

Valfrido Piloto, seu confrade da Academia Paranaense de Letras e amigo confidente, homenageou-o com o livro “José Augusto Gumy, jornalista messiânico” (1971), de cujas preciosas páginas de biografia salta esta definição do seu jornalismo: “Este, em dados instantes de sua vida, José Augusto o situou em paliçadas que . . . não vieram. Aquilo por ele escrito era a evidência. O seu meditar e dizer amadureciam antes, despencavam na hora certa, na hora marcada pela verdade, que, essa sim, já se entumescia em fúrias”.

Paranaguá, em 1937, apresenta “Marinha”, que se havia de destacar na vida literária paranaense, sob a direção de Aluizio Ferreira de Abreu, sempre presente e luminoso, nos movimentos intelectuais. Foram seus companheiros na arrancada, Anacir Ferreira de Abreu, Dario Nogueira dos Santos e Hugo Pereira Corrêa. Recebeu, a revista, o batismo do estímulo de Leôncio Correia, que disse: “Marinha” certo alcançará o vôo admirável, ainda perolizado do orvalho dos mares simbólicos em que se banhará por dias memoráveis a alma parnanguara”.

Em Guarapuava, “pelo impulso inevitável de uma aspiração comum, aparece, nesse mesmo ano, “Folha do Oeste”, dirigida por Antônio Lustosa de Oliveira, o galhardo idealista e realizador, um benemérito daquelas lindes.

Em Ponta Grossa, “A Razão” é de Princelívio Miranda, apregoando que “a altaneira “Princesa dos Campos” está vivendo uma das suas fases de intensa atividade, com a demonstração de ardor cívico dos seus filhos”.

Dedicado aos interesses dos municípios da Linha Sul, “Voz do Sul” sai em Rio Azul, sob a direção de Ivahy Martins.

Dos anos quarenta

Na década dos quarenta, continuaram as dificuldades na edição de órgãos da imprensa, face à pressão imposta por exigências do Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP que muito atormentou a liberdade de imprensa, a esse tempo.

Aumentou a tensão na vida brasileira, com a entrada do Brasil na guerra provocada por Hitler. Houve, dentro desse estado de espírito da nação, o manifesto político pedindo a Getúlio Vargas o condicionamento do País, ao regime de legalidade. Isto em 1943, sendo que a 28 de fevereiro o chefe do governo marcou eleições para presidente da República, bem como para governadores dos Estados, deputados federais e senadores.

Sem melhora da situação e emperrada a política, encaminhou-se a vida brasileira para o desfecho de 29 de outubro de 1945, com a deposição de Getúlio.

O presidente do Supremo Tribunal Federal, Dr. José Linhares, assumiu o governo.

Realizadas eleições a 2 de dezembro desse mesmo ano, foi eleito presidente o

general Eurico Gaspar Dutra, cuja posse se deu a 31 de janeiro de 1946.

Em setembro de 1946 foi promulgada a nova Constituição.

Essa sucessão de acontecimentos justifica um natural desinteresse na edição de periódicos. Estava, além do mais, criado o Departamento de Imprensa e Propaganda, a que cabia autorizar as publicações. Havia certa facilidade para órgãos de entidades culturais ou de empresas de qualquer atividade e que seriam nada mais que boletins de circulação interna.

Entrementes podem ser indicadas folhas com apresentações, de certa forma, serenas, lidando sob o clima da política.

Assim, a 21 de agosto de 1945, Ponta Grossa vê sair “Jornal do Paraná”, sob a direção de Epaminondas Holzmann e superintendência de Adalberto Carvalho de Araújo, no desejo de “honrar a cultura e o prestígio e a nunca desmentida independência da invicta capital cívica do Paraná”.

Lá no norte, em Londrina, surge, a 3 de outubro de 1945, “Correio do Paraná”, que deseja ser a voz viva de anseios, de inquietações e de esperanças”. São seus diretores, Armando Petrelli e Romário Fernandes da Silva, que nessas plagas florescentes se uniam ao pioneirismo de muitos, “para a divulgação desses fatos extraordinários que marcam profundamente o valor de uma raça”.

Longo mais, em Curitiba, a 16 de outubro, a Empresa “Diário do Paraná” faz editar “Diário do Paraná”, sob a direção de Caio Machado e Frederico Faria de Oliveira, dois jornalistas cujos nomes se chumbaram à história do jornalismo paranaense, notáveis pelas suas qualidades de combativistas conscientes da missão que os havia de animar. Tinham, pois, credenciais para afirmar que “este jornal quer ser — e será — uma expressão de cultura, de sentimento público e de probidade profissional”, sem poder fugir “aos imperecíveis imperativos da liberdade e segurança do indivíduo, da honra e cultura da nossa gente”.

Em 1946, é de Curitiba “Diário Popular”, órgão trabalhista, de 1º de maio, sob o controle de Raul Viana, diretor e A. de Souza Naves, gerente, e secretário Mathias Júnior, elementos todos eles representativos nas lides políticas defensoras das classes trabalhistas. Vem, depois, a 23 de setembro, o “semanário a serviço da democracia e do progresso”, “Jornal do Povo”, anunciando-se para servir este, “na luta por suas reivindicações e aspirações mais sentidas”.

Em Londrina, tirado por Otávio B. Maia, sai “Correio Norte”, e, a 5 de julho de 1947, “O Povo”, sob a direção de Sebastião Braga e com as características de “Órgão independente; justiça, liberdade, democracia”.

Os mesmos diretores do “Diário Popular” de 1946 editam, a 2 de abril de 1948, outro periódico com o mesmo nome, com indicação de nº 1, embora, na apresentação, haja referência ao retorno do jornal à circulação. O diretor gerente é agora A. Santos Filho.

É de 15 de agosto de 1948, em Curitiba, “O Estado do Paraná”. Seu diretor, J.

Francisco Assiz; Assiz Neto, redator, e gerente M. Amaral. E vêm dizendo: "Nós somos trabalhistas. Admiramos lealmente o homem que tudo procurou fazer com patriotismo pelo bem da Pátria que adoramos". Referiam-se a Getúlio Vargas.

Horácio Klabin pretende, através de "O Tibagi" (23 de novembro), em Monte Alegre (sede das indústrias de papel), "servir aos interesses legítimos do povo de Tibagi" e "divulgar, ensinar e defender, conhecimentos e princípios democráticos". Neste sentido, prestou serviços de relevo a ilustre escritora Hellêe Vellozo Fernandes (HEL), fazendo apreciada e utilíssima a folha.

No mesmo ano de 1948, em Guarapuava, a 9 de dezembro, data do 129º aniversário da cidade, A. Lustosa de Oliveira tira o 1º número de "Folha do Oeste", tendo como redatores Joaquim Prestes e Xavier de Barros, e como gerente, A. Torres Nogueira.

"O Paranista", o mesmo nome da revista que Romário Martins editara em 1933, é, em 1949, 22 de janeiro, o semanário do seu filho Ivahy Martins, ajudado pela gerência de Geraldo M. Maciel. Com o mesmo espírito do grande Romário, promete que "exaltará sempre os grandes vultos do nosso passado, cultuando-lhes a memória, para que as gerações novas recebam as claridades da distinção inequívoca dos que plantaram no Paraná a árvore do amor ao próximo".

Ainda em 1949, a 1º de agosto, vem "O Libertador", órgão do Partido Libertador, Secção do Paraná. "O seu programa é o do partido que considera, na parte política, como fim precípua do Estado: garantir a personalidade humana e facultar-lhe o pleno e harmônico desenvolvimento". O Prof. José Pereira de Macedo e o Dr. David Augusto Ramos Filho, seus diretores, e é da redação Alir Ratcheski.

José Pereira de Macedo foi um grande paranaense e probo cidadão. Professor universitário e proeminente membro do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense e da Academia Paranaense de Letras, era um pensador sempre voltado para o bem do Paraná. Dirigiu com elevado espírito público o Partido Libertador, Secção do Paraná. Raul Pillá, o eminente criador dessa agremiação, tinha no mestre paranaense o grande apregoador dos ideais cívicos consubstanciados em seu programa de ação.

Em 1950 apareceram em Curitiba: "Resistência", a 4 de fevereiro, como órgão doutrinário, cujo diretor, R. Cavalcanti, pugnaria por "um homem melhor num mundo perfeito"; "A Tarde" (12 de março), dirigida por Protásio de Carvalho; "Reportagem", a 22 de abril, sob a direção de J. Mathias Júnior, que desejava "noticiar tudo sem cair no vício do faccionismo", e "P.T.B." (a 29 de outubro), como órgão trabalhista do Paraná, dirigido por Mário Santos e redatoriado por Túlio Hostilio da Motta Garcia, apresentado-se com a promessa de se incorporarem "às fileiras do labor, da perseverança e da abnegação".

No Norte do Estado, "Correio do Lavrador" surgiu em Apucarana, a 6 de janeiro de 1950. O lema do órgão é quase um verso: "Amor ao trabalho à justiça e à verdade". Pudera, pois o órgão tinha como diretor Otávio De Sá Barreto, o consagrado poeta

que, a serviço da Justiça viveu por tempos naquela comarca e ali fez jornalismo. Tratando de interesses do Município e sem fugir do comentário político, apareceu com aquele nome “por que a lavoura foi que chamou a atenção do homem para a zona e que despertou o interesse pela exploração e aproveitamento das suas riquezas extraordinárias”.

De 15 de junho desse mesmo ano é “O Estado”, cujo advento em Londrina correspondia a um “objetivo de trabalho construtor e próbo, através de um periódico que traduz o interesse e os anseios coletivos”. Seus diretores: Vicente Frizzo e Marinósio Filho.

Eis, no decênio 1941-1950, uma amostra do periodismo de interesses gerais e políticos no Paraná”.

Nos meios acadêmicos, não houve, por certo, estímulo para muito jornalismo.

Em abril de 1945 aparece “O Femur”, como “jornal idenpendente dos acadêmicos de Medicina, Farmácia e Odontologia”, tendo como diretor gerente Altino Campos; Haroldo Borges, diretor secretário, e Paulo de Mello diretor científico. A administração foi de Thyमारides Camargo, qualificado como proprietário. Dermeval Costa e Hino Fontenelli eram da redação.

Ainda em abril, foi publicado “O Dinâmico”, “porta voz do Diretório Acadêmico de Engenharia”. Seu diretor, José A. Guimarães; redator, Darcy G. de Moraes, e gerente Daniel Monteiro de Castro.

“Flâmula” é de julho do mesmo ano, anunciando-se “uma bandeira de reivindicações” e “porta voz da União Paranaense dos Estudantes”. Francisco Castelluci, Ariosto Assumpção Hyuda e Homero C. de Quadros compunham a sua direção.

“Logos”, em 1946, é “Órgão oficial do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná”. Corpo administrativo: José Oswaldo da Silva, diretor; Nelson Marchioro, gerente, e Albertina de Souza Gaissler, secretária.

É de 1948, “Folha Universitária”, sob a direção de Lincoln da Cunha Pereira, o periódico acadêmico que havia de extravasar os belos ideias do seu diretor.

No mesmo ano 1948, “PAM” seria o órgão oficial do Partido Acadêmico Moderador. Seu diretor, Dirceu Coutinho Gomes. Ainda, na defesa das causas estudantis, podem ser arrolados: “Unificação”, com Ciro Justus e Luiz Kranuki como diretores; “A Tocha”, “chama pela paz e pela liberdade”, “com o fito de apresentar os problemas universitários de frente e sem rodeios”; e “Paralelos estudantis”, de Almir de Lara e Ubaldo Siqueira, que planejavam “o jornal-revista dos estudantes e do povo”.

Três periódicos literários de destaque.

Escolho três publicações representativas da boa divulgação literária, a esse tempo, no sentido de fixar rumo novo de publicidade: "Ao Luar", de 1941, "Joaquim", em 1946, e "Tapejara", do ano de 1950.

"Ao Luar", propondo "Ciência, Arte, Literatura", é da responsabilidade do Prof. Dr. Francisco Raitani. Seu diretor gerente Milton Raitani. Redatores: Dr. Milton Oliveira Condessa e Felício Raitani Neto. Era a revista de uma família. O pai, os filhos e o genro, na sua orientação. Por esta circunstância e pelo valor do pagé, a revista bem mereceu aquele pórtico: "Abre-se, de par em par, o pórtico dourado da revista "Ao Luar", mercê de esforço insano. A vós, patricio meu, a vós irmão amado, este ingente labor, a vós, curitibano".

Esse "irmão amado" é expressão bem do espiritualista Francisco Raitani, o jurista estudioso e cultor do direito, autor de obras que se consagraram pelo espírito de síntese, na sabedoria com que o autor se esmerava em dar interpretação ao fato jurídico. Cultor também das letras, soube, na revista, selecionar o que havia de ser publicado.

"Joaquim", em "homenagem a todos os joaquins do Brasil", foi realmente uma mensagem nova na literatura, a todos os joaquins, a todos os brasileiros, pois Dalton Trevisan, Antonio P. Walger e Erasmo Pilotto, os responsáveis, tinham bem, a consciência da missão que se atribuíram.

"Tapejara" surgiu em setembro, dia 3, de 1950, em Ponta Grossa, como órgão do Centro Cultural "Euclides da Cunha". Diretor, Faris Antônio S. Michael; Secretário, Dayly Luiz Wambier; Gerente, João Alves Pereira. Michael, o grande estudioso da língua indígena, nessas condições conhecido em todos os meios lingüísticos especializados, empana a humildade de que inelutavelmente quer marcar a sua personalidade, com o vulto dos trabalhos que já publicou sobre esse assunto. Assim como Francisco Raitani, ilustre membro da Academia Paranaense de Letras, como Erasmo Pilotto, preclaro professor com serviços relevantes prestados à cultura no Paraná.

Michael, de sua revista, que traduz "senhor do caminho", diz: "Vínculo do Centro Cultural Euclides da Cunha, "Tapejara", ao mesmo tempo que procurará divulgar a mensagem euclidiana pelo Brasil afora, desempenhará igualmente o papel de porta voz da fraternidade cultural em geral, entre o Brasil e seus irmãos da Indo-América, essa Indo- América tão rica em homens e idéias".

Volta de "Club Curitibano"

Já se sabe por notícia desta resenha, que neste ano de 1950 "Clube Curitibano"

reaparece como boletim de informações da diretoria aos sócios, afirmando, entretanto, pela palavra do seu diretor, Valfrido Piloto: "É ansioso por se tornar, logo, uma revista, que surge este boletim! E há de ter, efetivamente, essa amplitude". Já estava sendo, na realidade, um repositório de literatura, esse boletim, nome que o D. I. P. havia criado para publicações chamadas de "distribuição interna". Valfrido Piloto, um dos fundadores da Academia Paranaense de Letras e autor de livros, todos eles, que são escrínios do pensamento em apurado estilo e linguagem escorreita, convidado para essa empreitada, deu brilhantismo ao boletim que, fugindo da "distribuição interna", se tornou, realmente, uma revista de bom quilate, honrando os foros intelectuais do Paraná.

Órgãos de finalidades várias

Com a preocupação de divulgar o que é nosso e para tirar das gavetas originais julgados de valor, com o sentido, enfim, de ajuda às edições de obras capazes de enriquecer a estante paranaense, Raul Rodrigues Gomes inventou o Grupo Editor Renascimento do Paraná. Digo inventou, porque, na verdade, o grupo era ele, que acidentalmente encontrava alguém para cooperar no empreendimento. "Gerpa" era o boletim a serviço desse grupo, e ele na qualidade de diretor, em dezembro de 1945, explicava: "Gerpa", constituída para a campanha da publicidade e da divulgação da literatura, notadamente da paranaense". De fato, promoveu várias edições preciosas.

Em 1947, dezembro, Arnaud F. Velloso faz sair "A Divulgação". Propunha, em programa de "intercâmbio cultural, econômico e financeiro", "propagar idéias e realizações paranistas, por todo o Brasil". Cumpriu por largo tempo esse propósito.

De igual finalidade foi, em 1948, "Paraná em Revista".

Tais publicações tiveram o grande mérito de registro, para os pósteros, das coisas paranaenses.

Sob a designação de "Estudos Técnicos e Econômicos", De Plácido e Silva apresenta, em abril de 1948, recomendável "revista mensal de Economia, Finanças, Contabilidade, Técnica Comercial bancária e industrial". Seu redator chefe, Dr. Arnaldo Carnasciali; diretor gerente, Dr. Nelson Justus, e secretário Dr. C. Stemberg do Valle, todos técnicos nos assuntos versados, correspondendo, assim, à iniciativa de De Plácido e Silva, a quem o Paraná muito deve em tais ramos de conhecimento, não somente pela divulgação de aspectos oportunos, mas também e principalmente pelos seus trabalhos coordenados em sentido didático, pois ele foi mestre em tais assuntos.

"Síntese Odontológica", órgãos do Centro de Estudos Odontológicos do Paraná, é de 1950, aparecendo sob a orientação de A. O. Cavanha, S. M. Moreira, Acir de Souza e Elisé S. Ramos.

Não faltou, nesse período, um órgão doutrinário de maçonaria: Iniciou-se, em novembro desse mesmo ano de 1950, a publicação "Luz e Verdade", a fim de "levar a todas as oficinas e corações maçônicos, o relato da atividade humilde da "Luz e

Verdade" (nome da Loja de que era órgão). Seu diretor, João Alves Pereira.

Ao final.

Contando mais três anos em decurso, a traços largos, como tenho feito até aqui, e terei cumprido o meu desiderato de apresentar, em aspecto histórico, o panorama de cem anos da imprensa paranaense.

Não foi com muita facilidade que a minha explanação caminhou. É de compreender que na planície de uma seqüência, é preciso observar pontos salientes, valores luminosos e elementos preponderantes, a fim de o panorama se apresentar digno de observação.

Para o meu relato sobre a imprensa em cem anos, precisei dar o relevo necessário às circunstâncias das ocorrências.

Muitas vezes tive que reprimir estados de espírito e valores emocionais suscitados, pela lembrança dos acontecimentos que cheguei a presenciar. Até a saudade entrou na trama da composição que vinha sendo realizada. Deixei vinte anos atrás o final de minha tecedura. Assim mesmo, entrei no contemporâneo, levada em conta a longa parte de minha existência envolvida na apreciação pessoal dos eventos, a ponto de que o amarelado papel dos periódicos que eu colecionara, catando-os à saída dos prelos quase sempre, ia marcando já o passado, no curso do manuseio do precioso material que tinha em mãos.

O que realizei, neste histórico, não pode ser perfeito. Quem, logo mais, se decidir ao prosseguimento da específica história da imprensa no Paraná, não só partirá do dia do centenário do "Dezenove de Dezembro", mas precisará de dados anteriores, e encontrará, por certo, neste meu trabalho, subsídios modestos, ralos até, mas honestos, para uma pesquisa mais apurada sobre história do jornalismo nestas bandas araucarianas.

Tenho feito muitas preleções a moços que, nos estudos universitários, escolheram as carreiras do jornalismo da biblioteconomia. A essa geração lego a tarefa de prosseguimento nas pesquisas sobre o periodismo. Confio na nova gente que há de saber amar as coisas da terra paranaense, como as souberam amar os precursores, os de gerações passadas, os de épocas da minha vivência.

Prossigo para chegar ao termo do meu desiderato.

No primeiro ano do período final, em 1951, porque podem ser mencionados na esfera política "O Petebista", "O Populista", o "Progressista". "O Petebista", de 25 de janeiro é órgão trabalhista dirigido por Mario Santos. Seu redator chefe, Túlio Hostílio Mota Garcia. Não se define em apresentação e é quinzenário. "O Populista é "periódico defensor dos ideais do Partido Social Progressista. Saiu a 7 de abril, sendo seu diretor, Paulino de Almeida, que o apresenta tendo "como um dos pontos altos do seu programa, prestar maior assistência social e econômica ao homem rural e aos trabalhadores em geral". "Progressista", quinzenário de Ponta Grossa, tem como

diretores João Alves Pereira e Eurico Batista Rosas, fervorosos líderes do partido cujo nome rotula o jornal. Eurico Rosas, engenheiro, proprietário de empresa construtora, foi sempre figura expressiva na política paranaense, com ação mais freqüente em Ponta Grossa.

“Estado do Paraná” é desse ano, folha noticiosa, com data de 17 de julho. Embora sem filiação a corrente política, nasceu com o destino de se tornar jornal de importante empresa jornalística, tomando, pois, as cores políticas dos seus empresários. Aparecia marcando “rumos e diretrizes, no indeclinável propósito de contribuir para o fortalecimento da imprensa estadual, proporcionando-lhe instrumentos de opinião e que possam, objetivamente, espelhar a vontade e o pensamento de todas as classes”. Aí estava o ideal do seu diretor, Nestor Ericksen, moço (a esse tempo, é claro) entusiasmado pelo jornalismo, a cujas vozes havia já emprestado a sua brilhante inteligência.

No rumo da política, a “Vanguarda Trabalhista” se propunha, em 1952, a ser “uma bandeira de lutas, independente e livre, a serviço do proletariado e do trabalhismo brasileiro”. Era a palavra do seu diretor, Gamaliel Galvão, sempre em ação junto aos que defendiam os direitos das classes trabalhadoras.

Mais adiante, em janeiro de 1953 era “O Maragato” que se apresentava “semanário político doutrinário, noticioso”, dizendo-se “uma sentinela indomita, a serviço do povo”. Diretor, J. C. Pereira de Mello, e redator chefe José R. G. Ferreira.

Ainda político, como “órgão oficial do P. S. P. no Estado do Paraná”, surgiu em Londrina, a 25 de março de 1953, “Correio Progressista”, sob a responsabilidade de Júlio M. Pedroso.

Entre outros, estariam defendendo interesses regionais, em 1951: “O Marco”, de Foz do Iguaçu, dirigido por Almenor Pereira Guimarães; “Guaratuba Jornal”, de Abdo Aref Kudri; “Correio de Campo Mourão”, de Augusto Waldrigues; “Diário dos Municípios”, tirado em Curitiba, sob a direção de Protásio de Carvalho, que prometia, “para um futuro próximo, uma rede de jornais que se estenderia às principais cidades, no hinterland”; à margem do Nhundiaquara, “O Morretense”, sob orientação de Osmann de Oliveira e redatorado por Oliveira Leme. Em 1952, “Jornal de Lupionópolis”, de Jovino Pereira Assef, aparecendo no quarto aniversário da cidade desse nome; “O Imparcial”, de Curitiba, dirigido por Eutásio de Castro Antunes. *

Entre os de 1953, “Gazeta de Marialva”, sob a responsabilidade de Túlio H. Motta Garcia; “A Imprensa”, de Curitiba, sob a direção de Samuel Guimarães Costa, prometendo “um tipo novo de jornal”; “Campo Mourão Jornal”, sendo diretor Abdo Aref Kudri, que logo mais dirigiria “Lapa-Jornal”, juntamente com Dirceu Wolff dos Santos Lima; “Folha Campo Larguense” e “Caiçara”, este pela orientação de M. Daluz Augusto e René Augusto, em União da Vitória.

No estilo de divulgação técnica, a Associação de Engenheiros Agrônomos do Paraná solta, em 1951 janeiro o seu “Boletim Interno”. Em junho é a Comissão Paranaense de Folclore que, através do seu “Boletim”, inicia a divulgação do

movimento folclórico brasileiro, e apresta-se ao registro do acervo paranaense relativo à inspiração popular. Tem a direção, tal "Boletim", da Prof.^{ra} Pórcia Guimarães Alves, e completam a comissão de redação os Prof.^s Edgard Chalbaud Sampaio e Fernando Corrêa de Azevedo.

"Boletim social informativo do Circulo Militar do Paraná"; "Tribuna", da Associação dos Servidores Públicos, "Boletim informativo do Instituto de Engenharia" e "Boletim da Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural", são órgãos informativos do movimento associativo das respectivas entidades.

Na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, duas revistas são publicadas sob a orientação de professores: "Ciência", tendo como diretores Ademar Freire-Maia e Ismael F. Zanardini, e "Letras", com a supervisão de Temistocles Linhares, R. F. Mansur Guérios e Pe. Guillermo de la Cruz Coronado.

Ainda na difusão de conhecimentos científicos, são de anotar: "Paraná Econômico", com o patrocínio das Federações do Comércio das Indústrias e das Associações Rurais e, mais, da Associação Comercial do Paraná, visando "servir as forças propulsoras do progresso paranaense"; "Arquivos", do Hospital de Crianças, para divulgar o trabalho de pediatras. Entra em circulação, sob a redação dos médicos especializados Prof. Haroldo Beltrão, Dr. Heitor Borges de Macedo, Dr. Oriente Franco de Godoy, Dr. Ralf J. Kyrmse e Dr. Oswaldo Faria da Costa.

De universitários, "Themis", circulando como órgão do Centro Acadêmico Hugo Simas; "Flâmula", da União Paranaense de Estudantes e "Corujinha", dos alunos da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná. Responsáveis pela publicação, Ernesto Batista, Thereza Romanó, Alex Schaitza.

A vida literária é enriquecida por periódicos, entre os quais, em 1952: "Jandaia", dizendo-se "jornal literário do Paraná", dirigido por Maria Alba M. Silva e M. Daluz Augusto, figurando como diretor de honra, Dídio Augusto.

Tirado por Taborda de Taborda, é de dezembro desse ano "Sapés". Seu diretor responsável: N. S. d'Oliveira. Oferecia-se aos "amigos que palmilham o saber", com o desejo de "levar a cultura paranaense para além das fronteiras."

"Jornal dos Poetas" aparece em segunda época, sob os auspícios do Centro de Letras do Paraná, com data de 29 de março de 1953. Seus diretores: Reinaldo Steudel e Virgílio Moreira.

POSFÁCIO

Ao ser comemorado o centenário da emancipação política do Paraná, foram acentuados feitos e exaltadas figuras ligadas aos primórdios da nova unidade criada em 1853.

O "Dezenove de Dezembro" e o seu fundador receberam, então, as homenagens, devidas. A imprensa rememorou o início do jornalismo no Paraná, ocorrido a 1.^o de

abril de 1954, pela aventura de Cândido Martins Lopes.

Foi apreciado, nessa oportunidade, de modo geral, o papel da imprensa paranaense até à data do seu centenário.

É fácil aferimento, haver todos os dias dos cem anos então vencidos, a imprensa da terra acompanhado a feitura de uma gazeta nos centros mais avançados do País. As técnicas modernas, inventadas para as tiragens rápidas e maciças, foram logo sendo instituídas em nosso meio.

Aí estão, para exemplo, as grandes empresas jornalísticas deste 1976, em que arremato minha tarefa. Elas nos brindam com edições nos moldes mais avançados de noticiário e impressão.

De outra parte, pode ser acentuado que o Paraná teve sempre, a serviço da boa imprensa, gente de valor, a ajudar a formação do espírito paranaense e indicar sendas para o nosso progresso. Abnegada gente que, bem encarando a função do jornal, apregou a idéia certa, fazendo ressaltar, qual luz de ribalta, o cenário de cada momento da comunidade, em seus aspectos relativos à economia, à política, à educação popular, ao trabalho, aos elementos todos, enfim, a serviço do bem comum.

Para se ter uma idéia do movimento de periodismo que entrou para a década dos cinquenta, é de lembrar uma nota publicada pelo "O Dia", em 1º de abril de 1954, dando conta dos apanhados referentes à última estatística de 1950.

Ei-la: "Em 1950, contava o Paraná com 81 órgãos de periodismo. 42 na Capital e 39 nos municípios do interior. Desses, 38 eram jornais; 22 eram revistas; 17, boletins e folhetos; 2, almanaques e anuários. 10 desses eram diários, 28 bissemanais, trissemanais ou semanais; 24 quinzenais ou mensais, 14 bimestrais, trimestrais ou semestrais; 5 eram anuais; 5 de publicação irregular ou não declarada". Era a palavra oficial.

Tais dados poderiam estar valendo, às vésperas do centenário do primeiro periódico paranaense.

Entre os diários, merecem destaque, como homenagem à longividade, com mais de trinta anos de publicação até 1954 —, "Diário da Tarde" (de 1899); "Diário Oficial" (1912); "Gazeta do Povo" (de 1919) e "O Dia" (de 1923), circulantes em Curitiba, e "Diário dos Campos", de Ponta Grossa, nascido com o nome de "Progresso", em 1907, bem como, de Paranaguá, "Diário do Comércio", no ano de 1912.

A 1º de abril de 1954, a "Gazeta do Povo", publicando clichê do primeiro número do "Dezenove de Dezembro", fez referência ao centenário do seu aparecimento: "Órgão que circulou regularmente até ao advento da República, — acentua em um dos tópicos, — primou pela elegância dos seus escritos retratando, de maneira eloqüente e fiel, a sociedade curitibana daqueles dias, o "Dezenove de Dezembro" foi exemplo nobilitante de jornalismo sadio".

Também com o clichê do 1º número da folha de Cândido Lopes, "O Dia" de 4 de abril (domingo) publicou ampla reportagem sobre aquele jornal e o seu criador, bem

como sobre a imprensa do passado, com escritos de Euclides Bandeira, Raul R. Gomes, Durval Borges, João de Curitiba, Ermelino de Leão, além de editorial da redação.

Ligado que estava o evento da instalação da Província, ao aparecimento da primeira folha paranaense, na edição especial, preciosa, da "Ilustração Brasileira", organizada por Valfrido Piloto, comemorativa do centenário do Paraná, não faltou a homenagem à imprensa curitibana.

Aí, em duas páginas com gravura pacientemente elaborada por Valfrido, apanhando-os em uma só composição, figuram, o primeiro número do "Dezenove de Dezembro", cabeçalhos de vários periódicos paranaenses e um editorial também de Valfrido, assim iniciado: "Como bem assinalou Euclides Bandeira, — que foi um dos mestres do jornalismo paranaense, — "a instalação da Província do Paraná e o advento da imprensa curitibana coincidem". E prossegue: "Nascendo, assim, com a coletividade tornada autônoma, ela iria formar, através de coleções opulentas, como que a própria história das formidáveis conquistas consubstanciadas no radioso presente do Estado sulino."

À página 70 desse autêntico álbum, figura artigo meu sobre o "Dezenove de Dezembro", em que Cândido Lopes é lembrado "como grande batalhador para emprestar ao Paraná que surgia, todo o seu esforço de cidadão probo e trabalhador".

Em harmonia com o jornalismo, o Paraná tem a sua história abrilhantada por figuras de relevante valor, marcando o espírito de cada época a criação da Província, passando pelo movimento político do Império, no revezamento dos partidos degladiantes, o conservador e o liberal; na campanha abolicionista; na propaganda republicana e instalação do novo regime; na revolução federalista e consolidação da República; no alvorecer dos rumos literários e na exaltação paranista; na campanha do Contestado e no efervecer da política, culminante com a revolução de 30; nas lides pelo desenvolvimento do progresso regional.

Tenho a convicção de que, razoavelmente, perlustrei, neste trabalho, a ação de estímulo pela publicidade, dos muitos militantes nos setores e nas fases mencionados, ação inteligente de figuras do quilate de Fernando Simas, Sérgio de Castro, Emygdio Westphalen, Gesuino Lopes, João José Pedrosa, Albino Silva, Justiniano de Mello, Menezes Dória, Cunha Brito, Chichorro Júnior, Vicente Machado, Sebastião Paraná, Emiliano Pernetta, Leôncio Correia, Rocha Pombo, Silveira Netto, Dario Velloso, Júlio Pernetta, Tasso da Silveira, Romário Martins, Luiz D. Cleve, Cleto da Silva, Euclides Bandeira, Ulysses Vieira, Domingos Duarte Vellozo, Hugo dos Reis, José Cadilhe, Caio Machado, Benjamin Lins, De Plácido e Silva, Dicesar Plaisant, Acir Guimarães, José Augusto Gummy, Raul Rodrigues Gomes, este que, jornalista desde os primeiros anos do século e que veio sempre ativo até à metade da era dos setenta, ele que, ao desaparecer do nosso convívio como decano dentre os lidadores da imprensa paranista, ostentava os merecidos louros da sua qualidade de Príncipe dos Jornalistas Paranaenses, — título lhe outorgado pela Academia Paranaense de Letras, Centro de Letras do Paraná, Academia de Letras José de Alencar e Centro Paranaense Feminino de Cultura, — bem

poderia representar, por si, o pensamento e a fibra do jornalismo do Paraná, exercido pelas plêiades que se foram, como ele, com glória, do convívio da nossa comunidade, deixando, no palpitante de cada instante, a luminosidade de idéias, o exemplo esfuziante de suas lições, pelas colunas das folhas paranaenses.

Osvaldo Pilotto

Janeiro de 1976